

Universidade Federal de São João del-Rei

Gilceia das Graças Pinto

Maria Aparecida Trindade Gertsch

Marielly Ribeiro de Paulo

**A IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE DA TABATINGA:
PRESERVAÇÃO E EDUCAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES.**

São João del-Rei

Fevereiro de 2022

**A IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE DA TABATINGA:
PRESERVAÇÃO E EDUCAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Valiengo.

São João del-Rei

Fevereiro de 2022

Resumo:

A presente pesquisa tem como objetivo geral refletir acerca da preservação e educação da identidade cultural da comunidade da Tabatinga. Como objetivos específicos: Compreender o contexto do quilombo da Tabatinga, ressaltando sua formação, cultura, memória, entre outros aspectos pertinentes à sua subjetividade, como representação de resistência e luta dos povos quilombolas ali residentes. Ademais, visa compreender como a herança cultural é manifestada nos festejos, ritos e tradições, e como estes elementos influenciam na formação educacional não formal e cultural das crianças quilombolas. Para a análise dos dados, foi utilizada a abordagem qualitativa. Como instrumento metodológico, utilizamos a entrevista com duas mulheres da comunidade, por meio das quais obtivemos informações que foram analisadas e relacionadas ao quadro teórico. Partimos do pressuposto que os festejos, ritos e tradições praticados no quilombo são utilizados como ferramentas de práticas educativas e de preservação e resistência. Após analisar os relatos das duas entrevistadas militantes e envolvidas com as questões do quilombo, podemos afirmar que as práticas humanas que acontecem de forma sistemática no interior do quilombo, repassadas de geração em geração, representam uma importante possibilidade de se trabalhar a preservação cultural, a identidade e a memória das crianças e demais sujeitos quilombolas.

Palavras-chave: Identidade cultural; Tradições; Educação.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 5 |
| 1 Identidade e História da Comunidade de Tabatinga | 7 |
| 2 Preservação e Manutenção da Identidade Cultural | 14 |
| 2.1 Biblioteca..... | 19 |
| 2.2 Escola | 20 |
| 3 Práticas Humanas como forma de resistência: reflexões sobre a memória, a cultura e a identidade | 24 |
| 4 Considerações | 29 |
| 5 Referências..... | 33 |
| 6 Apêndices..... | 34 |

Introdução

No Brasil, os negros representam a maioria da população e é evidente a contribuição dos africanos e afrodescendentes na construção da nação brasileira, como sujeitos produtores de história. Entretanto, a cultura e identidade do povo negro sofrem com a desvalorização, o apagamento e a falta de reconhecimento do seu legado cultural.

A negação da cultura negra, assim como a desvalorização da participação do povo negro na história brasileira são praticadas abertamente na educação formal, expondo assim, a dificuldade de implementação e aplicabilidade da Lei 10.639/2003 que estabelece o tema história e cultura africana, afrodescendente nos conteúdos escolares da rede privada e pública.

Este trabalho tem como tema os ritos e tradições praticados no quilombo da Tabatinga e a utilização destes como práticas educativas de preservação e de resistência. Para tanto, nós ancoramos nas teorias de Stuart Hall que oferece ideias a partir das quais é possível pensar que o significado é construído e possui uma significativa consequência nas práticas sociais vigentes.

Dessa forma, distinguir os significados quer dizer adotar uma posição política. Nesse âmbito, o autor acredita que não basta o sujeito ter consciência dos significados, apreciá-los e exibi-los como identidade. Porém, acima de tudo, é necessário perceber as narrativas subjacentes e as tentativas de hegemonia por parte de quem detém o poder, e a partir disso, ser capaz de reagir de forma efetiva e crítica diante dessa lógica.

Assim, a virada cultural que o autor sugere, posiciona a cultura, paralela à dinâmica de poder, ou seja, a partir de um contexto de uma cultura nacional e unificadora. Desse modo, Stuart Hall afirma que não é possível uma cultura verdadeiramente nacional, uma vez que as culturas são impregnadas por importantes divisões, diferenças próprias e transformações no tempo e espaço. Ao propor essa teoria, o autor sugere que a ideia de unificação se traduz em um exercício de poder cultural (HALL, 2006).

A pesquisa contribui para a conscientização acerca da importância dos ritos e tradições como prática educativa, formadora e preservadora da memória e da identidade dos povos quilombolas da Tabatinga em Bom Despacho, Minas Gerais.

A pesquisa representa um papel essencial no sentido de promover a reflexão acerca da representatividade e o reforço da identidade positiva dos povos afrodescendentes. Diante disso, o presente trabalho tem como questão: de que maneira a

herança identitária quilombola é manifestada em algumas práticas humanas na comunidade da Tabatinga? Como acontece a educação das crianças nessas práticas? Nossa hipótese fundamental de pesquisa é a de que as expressões humanas presentes nas tradições, ritos e festejos populares contribuam para a formação e a preservação da identidade dos moradores de uma comunidade, além de representar uma prática educativa propiciadora e mantenedora da memória da cultura das novas gerações.

Assim, o objetivo é refletir acerca da preservação e educação da identidade cultural da comunidade da Tabatinga. Como objetivos específicos: Compreender o contexto do quilombo da Tabatinga, ressaltando sua formação, cultura, memória, entre outros aspectos pertinentes à sua subjetividade, como representação de resistência e luta dos povos quilombolas ali residentes. Ademais compreender como a herança cultural é manifestada nos festejos, ritos e tradições, e como estes elementos influenciam na formação educacional não formal e cultural das crianças quilombolas.

Por meio de uma abordagem qualitativa, foi realizado um breve levantamento bibliográfico. Inicialmente buscamos em autores e escritores aspectos relacionados ao negro: suas culturas, identidades, sua trajetória em território brasileiro, bem como as lutas a que foram submetidos. Para compreender melhor a realidade da Comunidade da Tabatinga, usamos como ferramenta a entrevista com duas representantes locais que estão à frente das práticas, festejos e tradições da comunidade.

O referencial teórico adotado se baseia em autores como Munanga que trabalha aspectos relacionados às questões do racismo na escola, bem como autores que trabalham as questões da educação quilombola. Usamos de texto sobre antropologia e direito, bem como decretos de leis que garantem e asseguram os direitos dos negros e quilombolas. Além de usar materiais sobre a preservação documental e ainda documentário que adentra ao Quilombo mostrando a realidade desse povo e contando a história da matriarca Dona Sebastiana.

A primeira seção expõe a localização e histórico da cidade de Bom Despacho e do quilombo da Tabatinga, bem como a formação da identidade cultural local. A segunda seção traz os ritos, festejos e o envolvimento destes na formação das crianças quilombolas e na preservação da cultura da comunidade. A terceira seção apresenta as práticas humanas e a sua influência na identidade e na manifestação de resistência dos quilombolas.

1. Identidade e História da Comunidade de Tabatinga

O nome Bom Despacho foi o primeiro nome do arraial nos trâmites eclesiásticos e judiciais. Em 1813, foram registrados alguns dados estatísticos de Bom Despacho que demonstravam uma população estimada em 1.532 habitantes. Em 1880, a freguesia de Bom Despacho desmembrou-se de Pitangui, passando a pertencer ao município de Inhaúma, atual Santo Antônio do Monte. Em 30 de agosto de 1911, Bom Despacho foi elevada à categoria de município. Nos anos subsequentes, foi percebido o crescimento urbano e físico de Bom Despacho. Antes destes dados estatísticos, a cidade de Bom Despacho foi considerada uma comunidade Quilombola, cujo nome era Tabatinga.

A Comunidade da Tabatinga, referida neste texto, é cenário de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, na Universidade Federal de São João Del-Rei, no ano de 2022. Localizada na área urbana do município de Bom Despacho, em Minas Gerais, a história da comunidade é marcada por resistência, devido a um histórico de escravidão negro, tendo seus reflexos nas desigualdades raciais, que resulta numa exclusão social local.

A formação da cidade é descrita por Xavier et.al. (2012) no Livro de Ouro Bom Despacho: 100 anos. Os autores relatam que Bom Despacho começou a ser povoada no século XVIII, porém não há concordância sobre os primeiros habitantes desta localidade. Os três primeiros habitantes das terras que abrange os rios Lambari e Picão eram portugueses que foram expulsos do degredo. São eles, Domingos Luiz de Oliveira, Manoel Ribeiro da Silva e Padre Vilaça, que fixaram morada nas imediações de três colinas no ano de 1775. Também se comenta do bandeirante Português Manoel Picão Camacho que ao passar pelo território encontrou pedras preciosas. Há ainda o relato sobre Luís Ribeiro da Silva, possível primeiro morador de Bom Despacho. Os escravos fugitivos de fazendas das áreas mineradoras próximas à Pitangui também são vistos como os primeiros povoadores de Tabatinga. Nos tempos seguintes, as terras ocupadas pelos primeiros povoadores foram, aos poucos, sendo subdivididas e compradas por outros proprietários, assim, surgia paulatinamente a cidade de Bom Despacho.

O documentário, A Filha de São Sebastião, produzido pela produtora mineira Caturra Digital, que conta a trajetória de vida de Dona Sebastiana, sobretudo da participação na guarda de Moçambique na Festa de São Benedito, em Bom Despacho, foi lançado em 2014 e encontra-se disponível no Youtube e pode ser acessado pelo link:

<http://www.youtube.com/watch?v=6nHORCY-EEE>. Nele, Dona Sebastiana descreve o surgimento do quilombo da seguinte forma:

Isso aqui era mato, mas mato só e cobra! Quando eu fiz meu ranchinho ali pra entrar dentro dela, aí meu Deus do céu! Quando eu chegava tinha cobra pra todo lado. Veio eu e o meu marido. Só nós dois. O resto nois deixou tudo pra trás, até se ajeitar né. Chegava aqui tomava tiro. Muita luta desses dois nêgo de fé, pra nois erguer isso aí. Primeiro foi o terreiro, foi. Porque eu precisava de agasalhar meu São Sebastião, meu São Sebastião tava na rua (Dona Sebastiana, 84 anos).

Nos dizeres de dona Sebastiana, é perceptível o grande desafio que foi enfrentado para erguer a pequena comunidade de Tabatinga. Apesar da resistência, parte da comunidade migrou para este local após alguns parentes terem sofrido ofensas e violências das mais diversas, de seus antigos senhores. De acordo com o documentário, eram oferecidas a estas famílias quilombolas uma pequena quantidade em dinheiro em troca de suas terras ou, do contrário, as famílias eram ameaçadas de morte passando a serem perseguidas. Estes relatos lembram as dificuldades dos tempos passados, mas que foram de suma importância para a constituição da comunidade e em seu engajamento político. A comunidade surge, desde o início, em um lugar marcado de resistência, o que também interfere em seus rituais e em suas manifestações culturais. Considerando o processo migratório ao qual a comunidade foi submetida acerca de sua origem, da luta e dos costumes de seus ancestrais, presentes na memória coletiva dos sujeitos que se identificam como quilombolas, as narrativas trazidas por dona Sebastiana são reconhecidas como parte significativa de sua constituição identitária e de sua conscientização acerca de ser quilombola.

A trajetória de dona Sebastiana tange ao reconhecimento que a comunidade possuía de uma pessoa conhecida, respeitada e solicitada em diversos eventos que aconteciam na cidade. A matriarca, liderança religiosa e comunitária, detinha respeito notório junto aos moradores e políticos da cidade, graças à sua atuação religiosa. Contudo, vale ressaltar que o sincretismo religioso é um aspecto muito presente hoje na comunidade, com uma considerável parcela de sujeitos inseridos na religião católica e na umbanda, sendo o culto e a devoção à santos católicos e aos guias e caboclos bastante comum e de igual relevância.

Os valores e saberes aprendidos na vivência em comunidade condizem a um modo de vida próprio, tradicional, onde a figura da matriarca direcionava as regras e organizava os diversos aspectos da vivência na comunidade, ressaltando que estes direcionamentos eram respeitados por todos, sendo muitas decisões seguidas sem nenhuma contestação. Com a morte de dona Sebastiana, em 06 de julho de 2019, suas filhas e outros familiares passaram a conduzir toda a dinâmica de seu legado, seguindo os passos da matriarca. Tais aspectos são de suma relevância para a compreensão da hierarquização dentro do grupo e seu papel na formação de seus sujeitos, uma vez que a criação passa a ser papel de todos, como referência e motivação de luta e das permanências culturais, o que imputa uma significância à trajetória e história da própria comunidade. Um grande pesar é a evasão de alguns familiares que enfraquece o desenvolvimento da comunidade à luz de uma memória de um período que se reconfigura no presente.

Para evidenciar melhor as características, a história e o legado do referido Quilombo da Tabatinga, realizamos entrevistas com pessoas residentes neste e que estão intimamente ligados à história e à herança do Quilombo. É o caso de Maria das Graças Epifânio da Silva, filha da matriarca Dona Tiana, e Holdry Thais Epifânio de Oliveira, neta da mesma.

Maria da Graça apresenta-se como:

Me chamo Maria das Graças Epifânio da Silva. Sou quilombola do Quilombo Carrapatos da Tabatinga no município de Bom Despacho. Sou liderança. Faço parte da Coordenação Nacional, que é a Panarck. Faço parte da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais. Sou filha de dona Sebastiana, a nossa querida dona Sebastiana que nos deixou há tão pouco tempo. Trabalho na Secretaria de Cultura como coordenadora de igualdade racial. Sou formada em saberes tradicionais na UFMG. Faço parte de diversos Conselhos: Conselho da Saúde, Conselho do Patrimônio, Conselho de Assistência Social. Faço parte de vários conselhos também e sou ativista, né, e liderança aqui da comunidade Carrapatos da Tabatinga. (Entrevista I, p. 1, 2021)

E a outra militante, Holdry, declara-se como:

Me chamo Holdry, eu sou estudante de administração na Universidade Federal de Goiás, a dona Sebastiana era minha avó, ela vinha trabalhando já algum tempo comigo para eu ser capitã, mas assim não era nada específico né, porque a gente sabe que o pessoal de antigamente passava as coisas para gente mas, não passava falando passava fazendo, então eu fui observando ela e ela também foi me observando, viu que eu estava me desenvolvendo e antes da sua morte né, a gente não sabia que estava chegando a hora dela, mas ela falava para todo mundo que eu que iria assumir o bastão ela ia deixar o bastante para a neta dela, assim como o avô dela deixou para ela, então é isso né ela era minha avó e deixou essa missão para mim. (Entrevista II, p.20, 2021)

As duas entrevistadas apresentam-se demonstrando a importância da influência do legado de Dona Sebastiana para suas vidas e das futuras gerações, tendo em vista que, a preservação e manutenção da identidade cultural são representadas em formatos diversos como: canções, rezas, festejos, danças, entre outros acontecimentos. Tais tradições tem como objetivo o repasse de histórias, a construção cultural de um povo, dentro de uma coletividade histórica de cada indivíduo, através dos povos e de tempos em tempos que não devem ser silenciados ou esquecidos. Portanto, é notório que muitos de seus remanescentes prezem pela história do povoado, surgido muito tempo atrás pelas mãos da matriarca Dona Tiana. É relevante destacar que, em meio às dificuldades, o quilombo resistiu à pressão e hoje se auto reconhece e se configura dentro das legalidades formais. Nas palavras de Maria das Graças, uma de nossas entrevistadas:

Sim, nós temos nosso auto reconhecimento pela Fundação Palmares desde de 2005. Nós recebemos nosso auto reconhecimento: É a luta nossa maior é que todas as comunidades quilombolas sejam tituladas. A nossa luta ainda é muito grande pelo título mas nós já temos nosso reconhecimento sim. (Entrevista I, p.1,2021)

A fala de Maria das Graças, chama a atenção para o reconhecimento dos povos enquanto quilombolas, que para a discussão dessa temática Bertagnolli (2015) relata que:

Mesmo que a maioria das comunidades quilombolas não tenham mais uma ligação direta com as práticas e saberes ancestrais, eles intitulam-se como descendentes de escravos que buscam as mesmas coisas que seus antepassados buscavam: dignidade, liberdade, direito a pertencer a um espaço seu (BERTAGNOLLI, 2015, p.239).

Desse modo fica evidente que a cultura perpassada pelas gerações é algo que se reinventa constantemente, trazendo novas definições dinâmicas e significativas, das memoriais coletivas, existentes nas comunidades de quilombos, alinhavadas pelo cotidiano das pessoas na construção de uma memória coletiva e de reconhecimento.

Atualmente, o Quilombo da Tabatinga se situa no bairro Ana Rosa, que se configura em um bairro com uma infraestrutura precarizada, com um alto índice homicídios e criminalidade, sobretudo entre a juventude, dada à ligação com o tráfico de drogas. Ainda há registro de um racismo vigente no local que repercute no acesso de negros e quilombolas à ocupação em espaços estratégicos, como em cargos públicos, com

uma origem histórica que remete há séculos passados, tendo por base a mão-de-obra escrava – o racismo ainda refletido nas relações sociais historicamente delimitadas.

Em relação ao bairro, sabemos que Ana Rosa nem sempre foi o nome do local onde se situa o Quilombo da Tabatinga. A questão que se coloca então é: Por que o nome foi mudado? Em resposta às nossas indagações Maria das Graças nos diz:

[...] Foi trocado há alguns anos atrás e tirou o nome da Tabatinga para botar Ana Rosa e beneficiar e homenagear uma senhora né, então assim, isso é uma outra luta também, que já estou colocando dentro da secretaria, dentro do Conselho de Patrimônio para gente lutar pra voltar, dentro do Conselho de Igualdade Racial, para voltar chamar Tabatinga. (Entrevista I, p.10, 2021)

Questionada ainda sobre o envolvimento dessa senhora no meio da comunidade, Maria das Graças afirma, na entrevista que (p.10, 2021) “ela é mãe de um Granjeiro né. Ele era dono de granja, uma pessoa de renome né, mas não foi assim de luta que fez alguma coisa dentro da área não.”

Nessa afirmação de Maria das Graças, fica evidente o descaso que esses moradores do Quilombo enfrentam e enfrentaram ao longo de sua trajetória. Sua história, sua religiosidade, suas vivências foram deixadas à margem. Seu pouco reconhecimento, por meio das Instâncias maiores, demonstra o quanto eles já foram marginalizados e excluídos mesmo dentro de seu bairro, local onde se daria com maior intensidade suas práticas. Um apagamento evidente no que tange a uma história de tanta luta.

Então, isso eu vejo como já foi falado um apagamento. É apagar nossa história, se tinha um nome, se você não tem nome não é ninguém, é uma identidade. Assim que nasce tem que ser registrado, senão a gente não é conhecido a gente não existe, então é como se estivesse apagando a nossa história, por isso que a gente tem que lutar muito ainda, porque aqui nós somos resistência, o quilombo já foi conhecendo outras pessoas, sendo povoado e hoje se deixar a nossa referência de quilombola vai sendo apagada então a gente tem que lutar muito para que isso não caia no esquecimento com o tempo, seja apagada, porque o bairro cresceu muito, a população aumentou e aí as coisas nossas vão sendo apagadas os nossos costumes. Então a nossa luta é muito grande ainda, para que a gente tenha uma resistência de continuidade. Quando a gente não tiver, mas sim, os meus netos tiver, minhas filhas tiver, eles vão continuar lutando, mas que a gente vai ter um território para se movimentar para fazer tudo que precisa ser feito, o centro da minha mãe continuar, as festas de São Benedito, a gente fazer as festas, que tudo é da população negra, todo esse aparato de luta, de resistência, de envolvimento da nossa religião, então, por isso, que eu quero lutar tanto, quando eu falo que o trabalho de vocês vai unir com os outros que tem aqui é para ser também, uma parte de defesa, vai ser um argumento de defesa para a gente pedir também porque é valorizado, as pessoas veem aqui como um espaço diferenciado e precisa de mostrar a história, então como que o próprio município não dá valor nisso, vocês vão me ajudar muito viu e eu vou estar muito feliz de um dia

voltar a conversar com vocês e dizer, olha consegui mais uma vitória, voltou a chamar Tabatinga. (Entrevista I, p. 10 -11, 2021)

Independentemente do atual reconhecimento local e a aceitação por parte da Igreja Católica, a comunidade já enfrentou muita resistência e preconceito ao estabelecer suas práticas religiosas e culturais, principalmente frente ao racismo vigente que ainda demonstra resquícios nas relações sociais. Esse posicionamento vai de encontro com o diálogo de Cardoso (2003, p. 129) ao discorrer: “A tolerância à diversidade de posições religiosas não chegou a ultrapassar rigorosamente os limites da identidade do próprio cristianismo como a única religião verdadeira.” Portanto para o autor, o conceito de tolerância é extrapolado do âmbito religioso, se expandindo para o político, como é notório no trecho da entrevista acima.

No que diz respeito à formação da Guarda de Moçambique, dona Tiana, assim também conhecida, relata no documentário já citado, que:

Aí quando eu formei meu Moçambique, o padre não queria deixar eu dançar por causa de ser espírita. Aí eu (pensativa) fiz as farda, fiz as bandeiras, aí fui em Dom Serafim, em Belo Horizonte, falei com ele: “ó, tá acontecendo isso, isso e isso comigo”. Ele disse: “não, mas não pode. Não existe lei no mundo filha que proíbe a pessoa rezar. Você tem condição de dar comida seu povo na sua casa?”. Eu disse: “Tenho uai”. Ele disse: “Então, eu vou te dar esse documento aqui, você vai dançar pra Nossa Senhora do Rosário sim! Você não vai comer comida deles, você não vai dar despesa nenhuma a eles.”. Foi assim que eu enfrentei Bom Despacho. Fui e falei: “Padre Cícero, eu tô descendo o meu moçambique viu. O senhô me para pro senhô vê”. “Falei com Padre Cícero: “Padre Cícero, essa festa é minha. No dia que senhô faz a festa do seu santo branco aí eu não venho aqui não. Mas do Rosário? Ih, essa aí é dos nego. O nego que fugir dela é covarde! Eu não sou covarde não senhor. Eu vou descer com minhas bandeira, com meu povo, amanhã eu tô descendo!”. Aí mexeu comigo não. Na hora dele morrer, ele pediu pra me chamar pra me pedir perdão. Eu falei: “Ahn, ahn, pode ir pro inferno tranquilo que eu não sou ninguém pra perdoar. Eu não sou Deus ne!” (Dona Sebastiana, 84 anos).

A Guarda de Moçambique é um dos traços culturais mais marcante da comunidade de Tabatinga, que era liderado por Dona Sebastiana, atuando como uma maestrina, puxando os cantos, organizando as paradas, os toques dos instrumentos, as rezas e a participação ativa de seus familiares na Festa de São Benedito, sendo uma das principais festas populares de Bom Despacho e que mobiliza diversas guardas de congado e de folias da região. A manifestação é convertida por seus sujeitos como algo sagrado, de suma relevância, tendo, cada um, uma função que é definida segundo suas possibilidades, do mais velho ao mais jovem.

Em âmbito local, a comunidade possui uma interlocução com a Prefeitura. O grupo ocupa cadeira em Conselhos Municipais e Estaduais, participa de Encontros e Conferências Nacionais, contando com a participação dos jovens garantida e estimulada pelas lideranças mais velhas. Assim, assegura-se medidas voltadas à participação ativa dos Quilombolas nas atividades da cidade. Contudo, ainda há uma luta constante para que as políticas voltadas a essas pessoas sejam não apenas regulamentadas, mas implementadas. Como afirma nossa entrevistada, Maria das Graças:

Na verdade as políticas dos Quilombolas são várias e agora eu luto para que sejam implementadas. Por que nós temos leis e políticas, mas a nossa luta é com implemento né. E principalmente a nossa lei tá aí, a lei número 10.639/2003 que é uma política, né, uma política pública afirmativa que nós temos uma dificuldade muito grande de implementar ela tanto no estado, quanto no município e em nível mesmo Federal, né? E até mesmo na universidade tão trazendo agora esse formato de saberes, então assim, nós temos várias leis, como essa que já tá aí, mas a gente precisa de ter uma luta ferrenha para que ela seja implementada, né? É preciso entender a lei para saber para que ela serve. Tem muita gente que fala que é benefício mas não é benefício não. É direito adquirido. (Entrevista I, p.2, 2021)

As experiências que surgem das mobilizações e organizações quilombolas são consideradas essenciais e visíveis para uma construção reflexiva, uma vivência de sentido na prática, que resulta da própria experiência. Tendo por ponto de partida o processo histórico das comunidades remanescentes de quilombos, é possível compreender que, tal qual Jorge Larrosa (1994):

[...] a própria experiência de si não é senão um resultado de complexo processo histórico de fabricação na qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade na qual se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc (LARROSA, 1994, p. 40).

Em se tratando dos remanescentes quilombolas, as especificidades da comunidade tem sua legitimidade na resistência à escravização e no processo de quilombamento, representada, principalmente, em suas manifestações culturais, religiosidade, danças entre outros, tornando-se mais do que um instrumento de manutenção cultural e de legitimidade política, conforme é considerado por Lima (2012):

Muitas tradições aparecem como sinais diacríticos nas etnicidades e são construções culturais que funcionam significando e delimitando, no discurso nativo, uma cultura própria. Em tais processos, a referência ao passado é importante para tornar legítimo o caráter tradicional, pois este, apoiado numa retórica de transcendência temporal, acaba por afirmar a historicidade da cultura. São pessoas reconhecidas como porta-vozes que devem deter a legitimidade para estabelecer as bases tradicionais sobre as quais a existência dos próprios grupos se funda (LIMA, 2012, p. 194).

A tradição está presente na vivência das pessoas nessas comunidades, estando diretamente ligada à formação destes sujeitos, sendo um dos elementos que contribuem em sua inserção ao grupo e a um sentimento de pertencimento ao mesmo, tendo nela o ponto ao qual cada sujeito se interliga à sua memória e identidade. Conforme complementa Stuart Hall (2006):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Assim é percebido que a representação das diversas culturas, em diferentes lugares, atua diretamente na identidade das pessoas como símbolos que são transmitidos intergeracionalmente, representado por um sentimento de identidade e lealdade, no sentido de identificação e de significações para as novas gerações, repletas de significados, como Hall (2006, p 89) justifica: “não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas,” no qual as práticas e os modos de ser dos sujeitos estão interagindo com sua identidade, com a identidade de outros sujeitos e também com o patrimônio cultural envolvido.

2. Preservação e Manutenção da Identidade Cultural.

Uma história é construída pela memória que, sendo social, é repassada às gerações de múltiplas formas e maneiras. Ela se caracteriza por ser a continuidade da experiência humana, valorizando tudo aquilo que determinou a formação de um povo. Seja pelo trabalho, por suas lutas e conquistas, por suas pesquisas ou por sua resistência. Assim:

A cada tempo, a humanidade engendrou suas práticas sociais e conservou suas experiências para transmiti-las a gerações seguintes de maneiras diversas, de forma que se pode dizer de uma trajetória da memória como história das formas de significá-la, conservá-la e recuperá-la. (TOUTAIN, 2012, p.17).

As tradições, e em especial as festividades têm a função de preservar histórias e de garantir às novas gerações o conhecimento de seus antepassados, o resgate, os ensinamentos e a preservação da ancestralidade que são tão importantes e de tantas formas que se destacam na preservação da memória dos povos.

O formato das Festas do Reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito na Comunidade de Carrapatos da Tabatinga, consiste em uma memorável demonstração da cultura e religiosidade categorizando a história dessa população, em torno de homenagens aos santos citados, envolvendo feitos como, cumprimentos de promessas, procissões, novena, missas congas, entre outros, salientando assim, suas origens e o fortalecimento dos costumes disseminados pelas gerações.

Para uma compreensão da importância da cultura quilombola e da comunicação que é estabelecida nos festejos do Reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito nesta comunidade, são ressaltados aspectos da prática cotidiana do grupo pertencente ao quilombo que criam meios próprios para transmitir seus fazeres e saberes culturais imateriais através destes festejos que é dito por Maria da Graça da seguinte forma:

Quanto a festa do Rosário, a festa de São Benedito, são as festas tradicionais que engloba toda comunidade, agora a mãe como filha de São Sebastião, como a matriarca, como a mãe de santo, ela era uma mãe de santo, nós temos os nossos costumes, temos o nosso território, o nosso terreiro que ela deixou para gente dar continuidade. Também temos as nossas festas nossos costumes as nossas homenagens aos Orixás. (Entrevista I, pág. 11, 2021)

Holdry, sobre a festa de São Benedito relata que:

Na festa de São Benedito a gente comemora a existência de São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês. A festa acontece durante dois dias, nestes dois dias, um dia é da gente levantar o mastro e visitar as rainhas de bandeiras. Cada bandeira tem uma rainha, cada corte, cada congada é responsável por uma rainha, então a gente faz essa visita para elas, buscar elas em casa e faz o levantamento da bandeira. No dia do encerramento, a gente faz esse mesmo processo, visitas às Bandeiras, aí as visitas são na hora do almoço e na janta, aí elas servem a refeição para gente e a gente faz essas visitas para elas, desce o mastro e entrega elas em casa. (Entrevista II, pag. 17, 2021)

Os festejos são realizados pela Comunidade Quilombola Carrapatos da Tabatinga na cidade de Bom Despacho, MG, por grupos de Congado, criados por Dona Sebastiana que, após sua morte, foram repassados aos seus familiares, sendo um deles, o Moçambique de São Benedito, hoje com aproximadamente 35 integrantes, composto por netos, bisnetos, filhas, genros, entre outros familiares.

Como é da tradição, Maria da Graça relata que os festejos são representados por Congos e vilão, que, além dos três Moçambiques: São Benedito, do Rosário e Santa Efigênia, existe o Penhacho, totalizando assim, as quatro bandeiras que são levantadas naquela comunidade. A entrevistada cita também os cortes Marinheiro e Nossa Senhora das Mercês, que fazem parte dos 22 cortes ou congado, que existem dentro de Bom Despacho envolvidos na festa. Neste sentido, é possível afirmar que os Moçambiques formados se caracterizam por suas funções simbólicas dentro do contexto da festa e suas representações determinam o posicionamento que cada um ocupa dentro das manifestações, atribuindo valores a cada um de acordo com o papel que desempenha.

Ao ser solicitada para falar um pouco sobre a formação do Moçambique, Maria da Graça diz que:

O Moçambique da minha mãe, porque foi ela quem fundou. Então na época que ela fundou o Moçambique, nem poderia, porque eles não aceitavam mulher ser capitã. Antigamente para ser capitão de Moçambique, quem era Capitão, era só homem e a mãe começou a dançar em outro corte aqui em Bom Despacho, mas depois de um exato tempo o capitão falou que ela não poderia mais dançar, isso para ela foi a mesma coisa que dar uma facada, ela gostava muito, ela conhecia toda a história de Moçambique, então foi com o bisavô dela, quando ela era pequena, só quando ela cresceu, ela falou que quando a gente é pequena a gente não dá tanto valor a gente deixa de aprender tanta coisa por causa de se divertir, não estou com tempo e tal, então ela falou que ela poderia ter aprendido muito mais coisas se ela tivesse parado, prestado mais atenção no avô dela, mas mesmo assim, sem prestar tanta atenção ela saiu com tanta coisa boa, com tanta sabedoria, se ela tivesse prestado mais atenção sei lá, eu acho que ela não ia conseguir fazer tudo que ela fez não, e aí ela foi para Nova Serrana e fundou um corte lá, tinha um corte que estava desestruturado, ela teve força e conseguiu montar, junto com Padre Lauro de Nova Serrana, aí ela foi e registrou o Moçambique dela lá, se não me engano na década de 70, eu vou conferir certinho a data mas eu era muito novinha. Então ela fundou lá em Nova Serrana, ficou muito tempo lá com padre Lauro. Depois as pessoas começaram a questionar, porque que Dona Sebastiana ia tanto para Nova Serrana e não dançava aqui, mas ela não era aceita aqui, até mesmo que, aí já colocou que era por ela ser uma mãe de santo, por ela ter um centro, então as pessoas confundiam as coisas, muito preconceito, este falava mais. Até que o padre Paulo veio para Bom Despacho e aí veio mostrar realmente a história do Reinado e ele trouxe a mãe para dentro da festa do Reinado. Aí as vitórias da mãe foi começando através da vinda do padre Paulo para cá, porque até então, ela dançava ela peitava, mas ela não fazia parte do grupo, da festa, ela saía, dançava, ficava do lado de fora da igreja, comia lá na casa dela, porque na sede, nos lugares não tinha, não aceitava ela. Mas ela foi pegando, ela foi levando, até que Padre Paulo veio para Bom Despacho e com essa vinda para Bom

Despacho ele fala uai, porque que aquele corte ali, que tinha que estar aqui dentro tá lá fora? Então foi ali começou a mudança e o reconhecimento pela pessoa da minha mãe, mas foi pela persistência dela mesma, se ela fosse desistir na primeira etapa, hoje nós não estaríamos aqui carregando esse legado, dando continuidade no Moçambique dela. Então tudo isso é fé, rezar para Deus, mas mesmo assim teve tanto impedimento, então foi assim que foi formado o Moçambique da minha mãe. (Entrevista I, p. 14-15, 2021)

A observação relatada pela entrevistada, Maria da Graça, demonstra um engajamento ao legado de sua mãe, envolto aos acontecimentos, significados e vivências naquela comunidade quilombola, descrita de forma íntima, repleta de um diálogo, incluindo a memória de uma cultura entre as gerações retentoras de tradições que constroem o fazer história por dona Sebastiana, que trouxe consigo um grande conhecimento de vida sobre as festas e seus respectivos aspectos simbólicos e religiosos, responsáveis pela construção de identidades, acrescidos símbolos e elementos pluriculturais. Que na fala de Santos(2008), reforça uma ideia de ressignificação dos festejos, “Enquanto existirem aqueles que lembram, que praticam a festa e a oferecem à coletividade (conjunto de pessoas, não se trataria mais de comunidade), ela sobreviverá, determinando-se positivamente”. (SANTOS, 2008, p. 200-201).

Com base, na fala do autor, a organização das festas reproduz uma memória significativa, que preserva um sentido simbólico que aproxima toda comunidade dos elementos identitários, presentes nas manifestações culturais.

Outro aspecto também revelado nas entrevistas foi a prática do levantamento do mastro, que é organizado por uma associação de Reinadeiros composta por uma diretoria que comanda e organiza o levantamento do mastro de aviso e a novena, em honra a Nossa Senhora do Rosário, que acontece entre os meses de julho e agosto e em honra a São Benedito. A organização destes atos configura-se da seguinte forma:

Os Moçambiques fazem a coroação de Nossa Senhora, na quinta-feira eles fazem o levantamento dos quatro mastros, mostrando o início a festa né. Levantam os quatros mastros na quinta-feira, fazemos quatro dias de festa e na segunda-feira a gente desce com os mastros, com a missa Conga no domingo, na Igreja do Rosário de manhã, a gente almoça, depois tem todo o aparato da procissão, a gente faz a procissão e termina aqui na igreja matriz, faz o encerramento do dia, onde a gente recebe também do lado de fora os convidados, mas a festa termina na segunda-feira. (Entrevista I, p. 15, 2021)

E dando continuidade a descrição das festas, Holdry complementa falando sobre a festa de São Benedito:

A festa São Benedito é menos, ela dura 2 dias, é só no sábado e no domingo. A de Nossa Senhora do Rosário é mais longa, ela começa assim, como todos os cortes saindo, já temos visitas, já temos refeições oferecidas pelas rainhas de bandeiras e reis bandeiras. Na quinta-feira de manhã começa levantamento dos mastros, na sexta-feira, tem a visitação, no sábado tem visitação, no domingo é o dia principal né, que a gente tem a nossa profissão, tem a missa Conga na e segunda-feira finaliza a festa, descendo o mastro, então ela dura aí seis dias, porque na terça-feira a gente tem a finalização da novena e na quarta-feira todos os cortes vão visitar alguma coroa em específico. E aí o planejamento né dessa logística tem todo um planejamento de distribuir os vinte e dois cortes entre as sedes das cidades. Esse planejamento é feito pela associação do reinado e aí também a gente não entra, temos as reuniões com o capitão para tratar de coisas e falar como está planejamento, mas nós mesmos, assim questão de data em questão de logística a gente não interfere tanto. (Entrevista II, p. 21. 2021).

A caracterização das festas em questão traz semelhanças, o que diferencia é a quantidade de dias para a realização e execução das mesmas. Os relatos das entrevistadas realçam hábitos e costumes presentes nas famílias que participam dos festejos e são lembrados culturalmente, visto que, estas integram e colaboram para a prática das danças do Reinado permitindo a preservação de uma história cultural.

Para compreendermos, tais práticas exercidas nos festejos, é preciso entender as expressões religiosas trazidas nas falas das entrevistadas, como algo peculiar, que pode, segundo Gois (2008): “definir como Sagrado, nessas expressões, ou é uma energia que se revela na natureza das coisas ou é uma energia que se desvela na força dos ancestrais” (GOIS, 2008, p. 94). Conforme os dizeres do autor, é importante compreender a representação, o planejamento e a execução das festas, tendo clareza do significado dos atos e práticas que acontecem.

No que tange esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, recriado por esta comunidade, há um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para envolvimento e formação das crianças que ali vivem, sendo um processo passível às influências do meio social, ao processos históricos e as transformações que estão diretamente ligadas à essência identitária, conservando a memória de um povo em comunhão com a reafirmação de valores e respeito à diversidade cultural e humana. Nos dizeres de Holdry, quando questionada sobre o papel das crianças e o que elas desempenham nestas festividades, temos que:

Olha as crianças, elas tem o papel mais espiritual, Porque o poder espiritual delas faz com que a festa aconteça bem, a festa fica mais bonita, então as crianças estão ali para dar força para os mais velhos, elas estão ali fazendo o que elas quiserem, elas estão livres, o papel delas é mais espiritual, Porque as

crianças têm uma força pura né, elas não tem maldade e tudo que elas querem é o bem, o que falta nos adultos. Então as crianças, é o equilíbrio da festa. (Entrevista II, p. 18, 2021)

Quanto ao envolvimento das crianças em contribuição para a preservação da Cultura, Holdry complementa, relatando a sua vivência:

Eu sempre estive dentro da Congada desde pequenininha, minha mãe me carregava no braço, no carrinho e hoje eu carrego meu filho e aí a minha avó veio falecer recentemente e ela deixou o congado para mim, se eu não estivesse aqui desde criança pode ser que eu não iria herdar isso, então a nossa continuidade se dá por ele, passando de geração para geração. (Entrevista II, p.18, 2021).

Os ensinamentos e vivências refletem de maneira significativa na formação dos sujeitos, conforme ressalta Pedrosa (1999): “Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro”. O autor mostra o quão importante é conservar as memórias, as trocas de saberes que originam das culturas dando continuidade no tempo para os povos das futuras gerações, como um fator de construção da identidade local, dos moradores da Comunidade Quilombola Carrapatos da Tabatinga.

2.1 Biblioteca:

A preservação e manutenção da memória e da identidade cultural do Quilombo da Tabatinga é reflexo de muita luta e resistência. Nesse bairro, cuja raízes de luta são repassadas aos mais novos por meio das histórias orais, do histórico individual e coletivo e dos movimentos que fizeram em prol da preservação de seu nome, destacamos também a importância dos materiais escritos. Assim, trazemos em evidência a fala de Maria das Graças:

[...] Nós temos nosso território, temos nosso espaço aonde que até nós vamos, se Deus quiser, fazer um memorial de Dona Sebastiana. Mas a gente tem a biblioteca né, ela é toda negra né, toda a exposição, tudo que tem lá, todos os artigos, tudo é da população negra, tudo sobre direito. Então nós temos nossa biblioteca. Temos nosso espaço. Nós agora se Deus quiser vamos ter o memorial de Dona Sebastiana, e nós temos nosso espaço sim pra receber, pra poder dialogar, pra conversar, trocar ideias né, trocar saberes né, porque quando a gente conversa com outro a gente tá aprendendo né. Ou tá aprendendo ou tá ensinando né. (Entrevista I, p. 5, 2021)

Além de um arcabouço teórico sobre a identidade negra, tem-se matérias que falam da luta e resistência dessa comunidade. Artigos, vídeos, gravações, nos quais a história é contada, sentida e se torna objeto de reflexão, com destaque para as lutas que foram travadas. Ter onde conhecer um pouco mais da história dessa comunidade é fundamental para que novas e futuras gerações possam entender quem são, como vivem e viveram, suas lutas e processos de resistência, a discriminação que enfrentaram e por conseguinte ainda enfrentam, e principalmente para entender quem são e a força que os mantem.

Os matérias, sejam eles, escritos, falados, contados ou computados são importantes características que preservam as memórias. Sobre isso concordamos com Toutain que:

Com o aparecimento da sociedade da informação, significativas alterações incidem sobre os sentidos da memória e sua constituição. Um novo sentido de experiência, oriundo de profundas mudanças nas práticas sociais, porém, não altera a necessidade social de registrar acontecimentos, sejam da área científica ou do cotidiano. (2012, pag. 16)

Registrar esses conhecimentos se faz essencial para que novas e futuras gerações possam se apropriar daquelas lutas que um dia foram travadas por outras gerações que vieram e lutaram antes. Conhecer o passado incide em como as novas práticas se dão. É na medida que os grandes conhecimentos que fundamentaram as práticas da comunidade são guardados que novas possibilidades de conhecimento se dão. Manter a essência do que um dia foi o Quilombo, é importante para que haja um progresso em como manter tal cultura viva.

2.2 Escola:

A Educação no Brasil, de forma geral, sempre se moldou às necessidades da época, desconsiderando, na maioria das vezes, os sujeitos que dela deveriam ser fundamentais. No caso do negro não foi diferente, a sociedade era e ainda é excludente e segregadora, o que refletia e reflete diretamente na visão que se tem do negro.

As Atribuições Educacionais que foram surgindo ao longo da história Educacional Brasileira tem reflexos diretos na forma como os diferentes grupos que, lutando, vão sendo integrados aos processos de ensino-aprendizagem. É notório perceber que mesmo depois de muitas lutas esse reconhecimento, essa integração e até universalização do

ensino tem ainda aspectos de um reflexo social segregador. Podemos destacar que foi somente em 1996 que algumas disposições se fazem mais efetivas:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n. 9.394/1996, definiu a educação básica como um nível da educação escolar no qual se inserem as seguintes modalidades: educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional, educação indígena, educação do campo e ensino a distância. (MIRANDA, 2012, p.1)

E ainda:

Os desdobramentos da LDBEN n. 9.394/1996, no âmbito do tratamento da diversidade sociocultural, podem ser verificados em regulamentações posteriores, como a Educação Indígena (resolução n. 3/1999), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – (resolução n. 1/2000), a Educação Especial (resolução n. 2/2001) e a Educação do Campo (resolução n. 1/2002). Nesse mesmo processo, insere-se a lei n. 10.639/2003, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 50 maio-ago. 2012 369 Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica, acrescida da lei n. 11.645/2008, que introduz a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. (MIRANDA, 2012, p. 1-2)

Partindo do pressuposto sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, buscamos refletir sobre algumas questões no que tange à Educação no Quilombo da Tabatinga. Em entrevista fomos informadas da existência de escolas locais. Sendo uma creche e uma escola de ensino fundamental, que hoje é municipal. Buscamos, por meio do diálogo, conhecer um pouco melhor sobre esses espaços e sobre como a cultura afro era trabalhada dentro desse ambiente. A entrevista foi realizada em meio a pandemia do COVID-19, por isso não tivemos acesso direto à escola, que por sua vez estava trabalhando de forma remota. Ao questionar se a Escola, hoje Municipal tinha um currículo específico voltado às questões afro, descobrimos que:

É pouco trabalhado né. Por isso que a gente precisa da implementação mesmo, por que só novembro. Então novembro que a gente tem pesquisa, novembro que a gente tem procura. Novembro que nós somos negros. Em novembro que nós somos quilombolas. Continua com essa grade, continua com essa forma de educação. Quando a gente fala de implementar, é essa forma que tem que ser diferenciada né. (Entrevista I, p.8, 2021)

Nesse interim, podemos destacar que a Educação Quilombola não é presente no currículo dessa escola, visto que somente em novembro as atividades que falam do papel do negro são trabalhadas. É somente seguindo um calendário pré-determinado que o negro, o quilombola, é lembrado, é reconhecido. É preciso trabalhar o fortalecimento da

Identidade desses povos Quilombolas, para que assim eles se reconheçam como tal e possam ser mantenedores das características regionais de onde vivem, rompendo com a falta de visibilidade que é dada a esses povos. Assim, concordamos com Silva e Menezes (2018) que ao:

Garantir a educação nos territórios quilombolas, respeitando sua história e suas práticas culturais, é pressuposto fundamental para uma prática antirracista. A implementação da Lei nº10.639/03 não se restringe à existência do espaço escolar nas comunidades quilombolas, mas para a garantia de uma educação que contemple as particularidades étnicas, culturais e políticas dessas comunidades, uma vez que suas trajetórias históricas constituem o exemplo da resistência afro-brasileira. [...] Há um longo caminho a ser percorrido, tanto no sentido de romper o silêncio e a invisibilidade histórica que acompanham a trajetória dessas comunidades como para reconhecer a importância da cultura afro-brasileira e a longa história de luta dessas populações. (2018, pag. 15)

Criar novas possibilidades aos Quilombolas de se reconhecerem e possibilitar o conhecimento geral de sua cultura a outros povos é essencial na luta que estes travam por reconhecimento. Assim, a escola pode exercer papel fundamental nesse trajeto ao assegurar que o processo de ensino-aprendizagem tenha em si o reconhecimento desses povos e que não se restrinja a falar dessas identidades apenas no mês de novembro. Matérias didáticas especializados e contextualizados são de grande valia nesse interim. Projetos que articulem a vida cotidiana Quilombola às práticas educacionais são importantes para que haja um fortalecimento da identidade desse povo.

Ainda em relação às escolas da comunidade, sobre a creche foi dito que buscava-se implementar um currículo que fosse integrador. Nas palavras de Maria das Graças:

Sim, sim tenho o plano e estou tentando incluir né, porque o plano não é feito sozinho, não pode ser só comigo. Hoje a gente tem o conselho de igualdade racial que a gente tá colocando essas propostas até mesmo pra isso mesmo, para as pessoas contribuir com a sua experiência na educação, na saúde, na assistência social, por que isso tudo engloba todas essas assistências né. Não tem como a gente fazer um plano, fazer ele funcionar se a gente não envolver as pessoas, as pessoas que fazem, que tem importância né nesse plano e pra desenvolver também esse aprendizado. Principalmente capacitações. A gente precisa de muitas capacitações. Não só implementar leis, mas que essas leis sejam supridas de capacitação. Que não tem como as pessoas ensinar se elas não tiver a capacitação voltada, a capacitação diferenciada, voltadas pra essas leis, para termos conhecimento né pra poder saber passar. (Entrevista I, p. 6, 2021)

Assim, temos a ideia de que não basta apenas formar profissionais para atuar na Educação. É necessário formar profissionais que sejam capazes de atuar na educação e para a educação. Que eles reconheçam o quilombola, o indígena, o ribeirinho, o do campo,

como sujeitos históricos, munidos de uma cultura que é formadora e que sejam capazes de ensinar e preservar a história de cada um deles. Assim, o ensinar deve ir além da implementação de leis, pois é preciso que se garanta que a luta pelos direitos não seja individual, mas coletiva:

[...] Essa parte do ensinamento é que nossas portas estejam abertas né, pra gente poder passar toda a nossa história, toda nossa luta que a gente tem aqui, mas mais é fazer o que eu tô fazendo dentro da secretária, nesse espaço de gestão, é igual no municipal que ta sendo implementado, que vai me dar mais forças ainda pra que esses direitos nossos sejam realmente implementados. Então a parte do ensinar é essa: lutar para que as leis não sejam só leis, que elas sejam implementadas e que elas sejam seguidas e que as pessoas aprendam junto comigo que essa luta não é só minha, essa luta é de todos nós. (Entrevista I, p. 5-6, 2021)

É preciso criar planos, projetos e currículos que resguardem os direitos dos Quilombolas da Comunidade da Tabatinga, valorizando a Educação, preservando a história e sendo referência. Assim, a própria Maria das Graças e outros envolvidos estão buscando criar propostas que sejam condizentes com as realidades desses povos:

Mas uma das propostas é a de valorizar a educação quilombola. Fazer com que tenha professores quilombolas dentro da comunidade, trabalhando sua história, trabalhando com as próprias crianças. Isso tudo é muito importante, e é necessário. E nós somos de referência, nós não vemos dentro da comunidade uma referência voltada ainda pra esse campo. Então eu quero lutar pra isso. Isso é muito importante. Toda a educação é importante, mais quando ela coloca a educação do campo, a educação quilombola, a educação indígena né. Hoje não temos o indígena dentro de Bom Despacho, mas eu consegui localizar uma família cigana, então tem povos diferenciados, então a gente precisa saber não só onde eles estão, mas escutar as histórias deles dentro do espaço de educação. Então esse aí é um trabalho que a gente precisa fazer em conjunto. (Entrevista I, p. 7, 2021)

É trabalhando em conjunto e pensando no coletivo que práticas educacionais concretas podem ser firmadas para benefício de toda a comunidade. Assim, o vivido não se perde e o futuro se constrói cada vez mais de forma a emancipar essas pessoas, que por muitos e longos anos sofreram com a discriminação, o preconceito a segregação e a desvalorização. Criar caminhos para que essas práticas educacionais sejam efetivadas e reconhecidas como importantes e mantenedoras é um trajeto longo e desafiador, contudo não se pode deixar de lado sua necessidade. Legislação, infraestrutura, formação específica, participação de representantes quilombolas na educação e programas específicos de trabalho são algumas das características essenciais para garantir a permanência e a preservação dessas culturas.

3. Práticas humanas como forma de resistência: reflexões sobre a memória, a cultura e a identidade.

Para falar sobre a resistência presente nas práticas humanas no quilombo da Tabatinga, continuamos destacando trechos da fala da moradora do quilombo e Secretária de Cultura da cidade de Bom Despacho, Maria das Graças, que é também filha da ativista Sebastiana, ou Dona Tiana, como era conhecida. Maria das Graças, ao longo de toda a entrevista, deixa claro a importância de se dizer Quilombola, e mais ainda em se falar do Quilombo e se posicionar frente a ele para defendê-lo.

Manter ativo o reconhecimento da comunidade é de suma importância quando se fala em resistência. Buscar alternativas, mecanismos de promoção e visibilidade da Comunidade é de suma importância, não apenas em nível micro, como também em nível macro. Assim, se atentar e lutar pelas questões de Políticas Públicas de Assistência, sejam elas Municipais ou Federais das comunidades é vital, pois como elucida Maria das Graças:

[...] As primeiras políticas que foram vindas para nossa comunidade aqui foi Federal e automaticamente a gente foi construindo, né, um levante de lutas e conseguimos trazer também a política do Estado. E agora, mais do que nunca, eu como coordenadora de igualdade racial, tô lutando né para as políticas do município. (Entrevista I, p.2, 2021).

A partir da fala de Maria da Graça percebemos que a história do quilombo da Tabatinga e dos seus moradores é permeada por diferentes formas de resistência. O ato de resistir está presente na trajetória de vida e no cotidiano da comunidade. É algo que é ensinado pelos mais velhos aos jovens e crianças, por meio das práticas humanas sucessivamente. Assim, segundo Munanga *apud* Distante (2005),

Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade (MUNANGA *apud* DISTANTE, 2005, p. 122).

Portanto, Dona Tiana, dotada de muitos saberes e conhecedora da importância da memória, ensinou aos seus filhos que ser negro não significa simplesmente ser descendente de povos escravizados, como muitas vezes é reforçado nas escolas. A velha e sábia senhora ensinou aos seus filhos que seus ancestrais eram reis e rainhas guerreiros

e heróis. Dona Tiana mostrou aos seus filhos, que repassaram aos próprios filhos, que a negritude é bela, que o negro é forte, corajoso, firme e resistente. E, acima de tudo, ensinou aos filhos a reivindicar seus direitos enquanto sujeitos quilombolas.

A velha senhora, intuitivamente (ou não), do alto da sua grande sabedoria e consciência política, supria junto aos seus, por meio de ensinamentos, a lacuna deixada pela educação formal. Assim, durante a entrevista feita com Maria da Graça, essa deixou claro que as Instituições Educacionais sediadas no quilombo não levam em consideração a história e o contexto cultural das crianças do Quilombo no momento de elaboração do currículo.

Tal colocação vai ao encontro da crítica de Moura (2005):

A educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo, enquanto nas festas quilombolas as crianças se identificam positivamente com tudo que está acontecendo à sua volta, como condição de um saber que os forma para a vida (MOURA, 2005, p. 72).

Dessa forma, coube à matriarca Tiana o papel de ensinar aos seus familiares e a todas as crianças da comunidade da Tabatinga sobre a história da África, dos africanos e dos afrodescendentes. Ela explicava sobre os heróis e heroínas negros que lutaram pela liberdade. O que foi evidenciado no seguinte trecho da fala da filha de dona Tiana: “[...] O historiador, ele nunca contou que o nosso povo era rei e rainha, que nosso povo veio de um continente, que nosso povo era de luta” (Entrevista I, p. 2-3, 2021).

A velha senhora ensinou aos seus a gostar e se orgulhar da cor da sua pele e do seu biotipo. E, acima de tudo, ensinou à sua prole a se indignar e lutar pelos seus direitos, pela sua cultura e pelo seu território.

Portanto, a comunidade da Tabatinga se configura em um espaço pedagógico e de resistência que se constrói e se manifesta pelos ensinamentos dos ritos e festejos que são transmitidos há décadas pelos mais velhos aos mais jovens através das gerações. Em Moura (2005), nesse sentido, temos que

É na cultura da festa que, pela exposição condensada e reiterada desses valores, se explicita o *currículo invisível* que essas comunidades constroem para si mesmas, e que vai despertando nas crianças e nos jovens a vontade de continuar a manter a identidade que eles conferem sua cultura e, ao mesmo tempo, nela desenvolver novos aspectos (MOURA, 2005, p. 74).

Assim, a resistência dos povos quilombolas da Tabatinga é expressa claramente no engajamento outrora da matriarca, que supriu o papel da escola no sentido de ensinar aos seus e à sua comunidade sobre a história da África e da cultura afro-brasileira. Essas práticas educativas de resistência permitiram aos quilombolas conhecer a sua história, formar, aceitar, preservar e amar a sua identidade, além de absorver e assimilar valores e reforçar a identidade positiva. O resultado do trabalho de alto valorização e reforço da autoestima junto à sua prole fica claro nas seguintes palavras de Maria da Graça: “[...] Nós somos um povo, uma nação muito inteligente e eu vejo isso como lado positivo, senão nós não tínhamos sobrevivido. Com o que foi feito com a gente, era para a gente ter sido exterminado. Então, é um povo muito inteligente, muito duro e duro na fé, nas raízes.”

As colocações da entrevistada conduzem à percepção da origem e da resistência do povo da Tabatinga e a relação entre a resistência e as tradições culturais da comunidade. Assim, podemos afirmar que os quilombolas da Tabatinga buscam na ancestralidade, tradições e ritos a força para resistir; é por meio dessa dinâmica, também, que acontece o processo de produção do conhecimento que é repassado às crianças.

Por isso, podemos afirmar que no interior do Quilombo da Tabatinga acontece um processo educativo amplo e potente que se traduz pela construção de saberes culturais e sociais que se desenvolvem por meio da prática da capoeira, dos ritos e festejos, e pelos ensinamentos repassados às crianças. Assim, a consciência política, o engajamento e a luta, praticados outrora pela matriarca, continuam vivos hoje por meio do trabalho de sua filha Maria da Graça, sua neta Holdry e dos demais familiares.

Os festejos e ritos, representados pelas festas de São Benedito e Festa do Rosário, se configuram como uma forma de resistência para os quilombolas. O significado da palavra festa, segundo Guarinello (2021), é:

[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objetivo que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes de uma determinada identidade. Festa é a confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, afirma identidade (DA SILVA apud GUARINELLO, 2021, p. 973).

As práticas humanas presentes nos ritos e tradições que acontecem ao longo do ano, continuamente, representam o importante papel de unir os moradores ao redor de uma atividade comum. As celebrações cotidianas expressam as vivências e as amizades

e promovem o estreitamento dos laços e a união entre os moradores. Tais processos sociais se traduzem como uma forma de sustentação da identidade dos moradores como sujeitos quilombolas.

O quilombo da Tabatinga compõe um espaço que possui um papel de propiciador do sentido vital, do sentimento de pertencimento e de referência para as crianças. Portanto, o quilombo pode ser compreendido como espaço educativo e facilitador do conhecimento histórico, a partir do momento que as crianças acumulam conhecimentos pelas próprias vivências e no contato com seu meio. Adentrar o quilombo, como pesquisadoras, nos levou ao mesmo entendimento de Foerste, Ferreira e Uliana (2018, p.3) quando afirmam que “[...] o território é o espaço do pertencimento, no qual as crianças, os jovens e os adultos elaboram suas identidades. É definido pelas práticas culturais, pelo modo de produção da vida e pelo trabalho”.

Portanto, os sentimentos de pertencimento é construído pelas crianças e jovens a partir do contato com as diversas práticas sociais, traduzidas pelo modo de viver e por todas as atividades executadas no espaço que compreende a comunidade.

Em âmbito geral, o conhecimento desses espaços se aplica a diversas esferas que constituem determinado ambiente. Portanto, as práticas humanas reveladas nas manifestações que ocorrem ao longo do ano, como por exemplo os festejos comemorados sistematicamente e a capoeira, se configuram como uma potente forma de promoção, manutenção e preservação da memória e da identidade dos moradores.

Podemos chegar a essa conclusão, porque, de acordo com Silva (2021) “as festas ressignificam as identidades culturais, as tradições locais sem, contudo, ficarem congeladas no passado. Ao tempo que as festas, preservando algo do pretérito, elas também reinventam coisas novas” (SILVA, 2021, p. 140).

Nesse sentido, é possível dizer que as celebrações conferem a uma comunidade uma nova percepção de si e do mundo, elas exprimem uma dinâmica que, ao mesmo tempo que preserva a memória, promovem o futuro.

Por meio das entrevistas, ficou claro que, ao longo do ano, durante várias décadas, as práticas humanas vão se repetindo e os ritos são ensinados e incorporados de geração em geração. Tal repetição na prática das celebrações executados no quilombo contribuem significativamente para a resistência, para a defesa da memória, para reforçar, marcar e preservar a identidade.

Embora sejam de grande valia as contribuições das práticas humanas do Quilombo, é notório perceber que é um ambiente com dificuldades históricas e sociais.

Há falta de implementação de políticas públicas, projetos e programas já existentes e a criação de novos que assegurem às crianças e aos jovens quilombolas a efetivação dos seus direitos básicos. O Quilombo é visto como um dos bairros mais violentos da cidade. Muitas pessoas, pelas dificuldades financeiras, sociais e culturais, acabam por deixar o Quilombo e irem procurar novas oportunidades. Questões como a violência amedrontam os moradores. As drogas, entre os jovens, se configuram como grande empecilho nas suas perspectivas. Há ainda uma carência de espaços e alternativas de lazer, cultura e arte, assim como falta um Ginásio Poliesportivo ou quaisquer outros espaços de lazer. A consequência de todas essas carências gera nos jovens a falta de autonomia, independência financeira, cidadania e insegurança quanto ao futuro.

Essa dinâmica coloca os jovens em uma situação de vulnerabilidade que é ampla e astutamente explorada pelo tráfico de drogas local que, de certa forma, preenche o espaço deixado pela falta do poder público. Dessa forma, a entrada no crime se torna uma opção para os jovens desprezados pelo estado, o que é claramente constatado pelo grande contingente de jovens envolvidos no crime e que, conseqüentemente, são mortos precocemente. Esses aspectos parecem influenciar na preservação e manutenção do Quilombo, uma vez que inviabilizam uma percepção real sobre a importância da comunidade.

As Instituições de ensino locais não cumprem com seu papel de manter e disseminar a memória que identifica e qualifica esse povo, assim vê-se um apagamento da identidade local. Sem a manutenção e disseminação dos traços e características locais em diferentes espaços, vão se perdendo aspectos importantes que mantem a história e memória do povo.

A possibilidade de que essas pessoas, além de conhecer sua história possam transmiti-las às futuras gerações, é essencial na manutenção da cultura local. Além disso, uma possibilidade que percebemos como necessidade é permitir que as pessoas possam cursar o Ensino Superior, como é o caso, por exemplo, de nossas entrevistadas: Maria das Graças, formada em Saberes Tradicionais pela UFMG, atuante na Secretaria de Cultura, e Holdry estudante de Administração na UFG. Ambas são liderança no Quilombo, buscam qualificação profissional e podem trazer possibilidades aos Quilombolas, por meio de suas lutas e seu trabalho, de evidenciar a necessidade de manter suas tradições culturais, além de servirem como exemplo para outros jovens locais sobre a importância do estudo e da formação acadêmica.

De um lado temos as dificuldades de ser negro e de ser Quilombola, de outro a necessidade evidente de preservar a cultura local. Nesse sentido, a fala, as ações, os ensinamentos, o exemplo, a sabedoria, enfim, todo o excelente legado deixado por dona Sebastiana aos seus descendentes e a todos os moradores do quilombo da Tabatinga constituem ações pedagógicas e culturais. Portanto, é impossível falar do quilombo sem mencionar a sua moradora mais ilustre, a matriarca como é considerada por todos. Dona Sebastiana, mãe de Maria da Graça, e avó de Holdry Thais Epifânio de Oliveira, nossas entrevistadas, foi a principal representante da luta e da resistência no Quilombo. Sebastiana Geralda da Silva, conhecida como dona Tiana, dedicou toda a vida à luta pelos direitos, pela valorização e pela preservação da memória e da identidade dos moradores da Tabatinga. Dona Tiana faleceu em 2019 aos 83 anos. Portanto, verificamos que as diversas práticas humanas, executadas sistematicamente durante o ano, por décadas no quilombo, e que são repassadas de geração em geração, são formas de resistência e, ao mesmo tempo, práticas educativas que contribuem para reforçar, marcar e preservar a memória e a identidade das crianças, jovens e de todos os moradores do quilombo da Tabatinga.

Resistência é a marca fundamental de um povo que há muito tempo vem sendo discriminado, estereotipado e marginalizado. O preconceito reside nessa história e marca cada um de seus membros.

O legado deixado pelos ancestrais da Tabatinga mostra o quão duro foi a vivência desses povos, que ainda hoje resistem às mais duras discriminações. O que não pode, contudo, ser deixado de lado é a vontade de resistir. Seguir os passos da matriarca Dona Tiana, significa ir além do tempo, se manter firme e enfrentar com vigor as adversidades. É carregar as marcas de um passado duro e vislumbrar um futuro diferenciado para esses povos.

4. Considerações:

O trabalho de Conclusão de Curso, ao qual nos debruçamos, partiu do objetivo geral de refletir acerca da preservação e educação da identidade cultural da comunidade da Tabatinga. As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, lamentavelmente esses encontros não ocorreram presencialmente devido à pandemia instaurada pela COVID-19. Consideramos que seria mais interessante para a pesquisa, se o acesso ao local, o contato direto com os moradores, bem como os entrevistados tivessem sido presenciais. Entretanto, os meios de comunicação e suporte via internet contribuíram

significativamente para que tivéssemos uma maior integração com pessoas residentes no quilombo, bem como materiais que foram significativos nesse processo de escrita.

Partindo do pressuposto que as manifestações culturais estão intimamente ligadas à preservação e resistência do quilombola, buscamos compreender o contexto do quilombo da Tabatinga, ressaltando sua formação, cultura, memória, entre outros aspectos pertinentes à sua subjetividade, como representação de resistência e luta dos povos quilombolas ali residentes.

Da análise das entrevistas, consideramos que os festejos, a biblioteca, e, especialmente as pessoas mais velhas são base para a formação das novas gerações. Também buscamos compreender como a herança cultural é manifestada nos festejos, ritos e tradições, e como estes elementos influenciam na formação educacional não formal e cultural das crianças quilombolas.

Para responder aos objetivos, fizemos uma pesquisa de cunho qualitativo, um breve levantamento bibliográfico e três entrevistas com pessoas locais/residentes no Quilombo e que são referência no que tange à história local quilombola. As entrevistadas são pessoas que estão à frente dos movimentos e são militantes em sua defesa. Para o respaldo teórico, recorreremos à autores que trabalham com as questões raciais e étnicas, bem como materiais que contem a história local do Quilombo da Tabatinga em Bom Despacho, Minas Gerais.

No primeiro momento do texto, apresentamos a história local da cidade de Bom Despacho, como do Quilombo da Tabatinga e como foi seu processo de formação. Além de evidenciar a luta enfrentada pela matriarca Dona Sebastiana ao trazer a cultura afro descente em evidência numa cidade regida por normas do Catolicismo, e como foi difícil o processo de reconhecimento deste, bem como a religião que defendiam.

Em seguida, buscamos evidenciar a preservação e manutenção da identidade cultural Quilombola, ao exprimir como são as atividades presentes no espaço do quilombo. A importância de se falar dos festejos se faz evidente quando eles se apresentam como formas mantenedoras da cultura, ou seja, por meio das principais festas que movimentam o quilombo foi possível notar o envolvimento das pessoas em fazer com que esses eventos aconteçam. A participação das crianças, jovens e adultos mostra que a cultura vai sendo repassa de geração a geração. Além das festas os materiais bibliográficos feitos no e do quilombo são marcas fortes da herança desse povo, bem

como a forma que essas questões são vistas na escola. Assim evidenciamos como essas práticas exercem influência na cultura desse povo e como elas exercem suporte a manter as tradições vivas e contínuas mesmo com o correr do tempo.

Dando continuidade à pesquisa, buscamos apresentar as práticas humanas como forma de resistência, relacionando-as à memória, cultura e identidade. Nesse interim, refletimos sobre como o reconhecimento da comunidade é importante e também necessário, além de evidenciar com as práticas educacionais e festivas, e o legado deixado pelos antepassados são essenciais para manter de pé e viva a tradição construída muitos anos antes por pessoas que lutaram e se comprometeram com seus ideais, com sua religião e com sua força. Assim, na última seção trouxemos aspectos que corroboraram para a preservação e resistência desse povo, bem como apresentamos falas que evidenciam a trajetória de lutas desse povo.

As entrevistas mostraram traços de uma cultura marcada pelo preconceito, pelas limitações e desigualdades, com marcas evidentes que são características de um povo que aprendeu que a luta não tem fim, e que essas lutas são símbolos do que são e do que viveram.

O preconceito, a negação, o medo e a negligência da sociedade não impediram que o legado desse povo fosse construído e até os dias de hoje fosse sinônimo de resistência. Como exemplo dessa luta e conquista, podemos citar a formação das entrevistadas, que perante seus currículos, muito tem a acrescentar como ensinamentos para a comunidade à qual pertencem. Em nosso ponto de vista, essas tradições e a preservação delas seriam fatores impactantes na educação de novas gerações, o que a nosso ver pode ser confirmada, uma vez que integrantes nos processos e festejos da comunidade muito tem a acrescentar na formação da criança e dos jovens que ali vivem, construindo em si marcas de resistência e de luta. Ao estar a par do histórico da comunidade ele é levado a considerar que as lutas que outrora foram inerentes a esse povo ainda estão presentes e precisam de pessoas que tomem frente e assegurem a continuidade dessas tradições.

É evidente perceber que mesmo com Leis que asseguram a manutenção e preservação da Identidade Cultural, exemplo claro da Lei 10.639/03, promulgada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, ainda não se efetivou. Escolas locais dentro do Quilombo não

efetivam essas atividades, não garantem a preservação e manutenção da história local. Em âmbito da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou Superior é necessário que se adentre mais nessas questões, que priorize uma educação Quilombola de qualidade que possa garantir o empoderamento de seus estudantes, dando a continuidade da luta de seus ancestrais, que enfrentaram a exclusão dos negros, em vários setores na sociedade, frente aos movimentos negro e a luta por seus direitos.

Diante dessas ponderações, é relevante pontuar, o quanto a educação é significativa na produção de conhecimento dos indivíduos, além de contribuir para a formação dos mesmos. Daí a importância de fortalecer e repensar os planos educacionais, os conteúdos trabalhados, a capacitação dos profissionais da educação, para a prática da educação quilombola, como um componente para a construção da igualdade racial, reavaliando a inclusão e o papel do negro na sociedade, fazendo com que a invisibilidade de seus valores culturais perdesse força e conquistasse o direito à educação nos seus próprios territórios, tendo em vista o fortalecimento, o reconhecimento e a valorização a especificidade étnico-cultural dos povos quilombola.

Assim, confirmamos a alusão à preservação, manutenção da identidade cultural do quilombo como marcas repassadas de geração a geração que afetam diretamente na educação das novas e futuras gerações de Quilombolas Carrapatos da Tabatinga. No entanto, destacamos a necessidade de que a escola de fato inclua o ensino, memória e história da cultura africana e afrodescendente.

A herança identitária quilombola se faz evidente quando nas práticas repassadas de geração a geração vemos nos jovens e crianças a vontade de manter e permanecer nelas, uma vez que conhecedores da história do quilombo se colocam a frente dele para defendê-lo e preservá-lo, ainda que isso não ocorra com todos os moradores que muitas vezes saem do seu lugar de origem. Além disso, quando a criança é ensinada sobre os festejos, marcas evidentes da manifestação quilombola, ela pode carregar em si marcas de uma história construída com o tempo e com a luta, que possibilitam a manutenção da identidade cultural.

A necessidade de se falar sobre uma cultura que por anos foi negligenciada, inferiorizada e subjugada se faz quando se entende que esse povo é povo que lutou e que luta por reconhecimento, que busca mostrar que sua herança cultural é tão importante como qualquer outra e que seu legado foi e é passado de geração a geração.

Acreditamos que mostrar um pouco sobre a cultura, a identidade, as representações de um povo é um caminho viável para combater preconceitos que ainda hoje estão arraigados e/ou camuflados na sociedade. Além disso, temos por ideal que para que haja mudança de pensamento é necessário que reconheçamos que desconhecemos o todo e que por desconhecê-lo precisamos buscar formas que nos possibilite conhecer. Assim, ao apresentar as características inerentes aos quilombolas, tentamos evidenciar aspectos que outrora desconhecidos, são de extrema significância para eles e assim devem e serão respeitados sempre.

A pesquisa de cunho qualitativo nos permitiu conhecer mais sobre essa cultura. Foi possível reconhecer que os Quilombolas, e em especial os Quilombolas da Comunidade Carrapatos da Tabatinga, são um povo constituído de saberes que merecem ter seu lugar de destaque nas pesquisas em Educação. Ao compreendermos a importância de se trabalhar as minorias, damos abertura a conhecer outros povos e comunidades e assim entender suas especificidades, além de perceber como esses povos podem contribuir na educação, na sociedade como um todo e no seu próprio ambiente, levando os seus a compreenderem a importância da luta que representam.

5. Referências:

BRASIL, Constituição da República Federativa do. Decreto 10.369 de 22 de maio de 2020.

BERTAGNOLLI, Gissele Leal. **Da colonialidade à descolonialidade: diálogos de ciências a partir de uma “epistemologia do sul”- uma análise de comunidades quilombolas.** Revista Grifos, v. 24, n. 38/39, p. 231-241, 2015.

CARDOSO, C. M. 2003. **Tolerância e seus limites: um olhar latinoamericano sobre diversidade e desigualdade.** São Paulo: Editora UNESP.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto.** Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, abr.-jun. 2017.

FOERSTE, Gerda Margit Schütz. FERREIRA, Sônia Maria de Oliveira. ULIANA, Dulcemar da Penha Pereira. **Cidades e Infâncias: a criança vai ao museu.** Educação. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 168-176, maio-ago. 2018.

GÓIS, Aurino José. **O diálogo inter-religioso entre o Cristianismo e as tradições afro-brasileiras.** In: AMÂNCIO, Íris Maria da (Org.). África-Brasil-África: matrizes,

heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2008, p. 86-97.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35 – 86.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos**. Brasília/ Rio de Janeiro / Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia, Nova Letra, 2012.

MIRANDA, Shirley Aparecida. **Educação Escolar Quilombola em Minas Gerais: Entre ausências e emergências**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, p 1 – 17, 2012.

MOURA, Glória. MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEDROSO, Sérgio Flores. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008, 249p.

SILVA, Ariosto Moura. **Práticas educativas de Resistência no Quilombo Sítio Velho**. História e Cultura afrodescendente. Ebook 8, Coleção África Brasil, 2021.

SILVA, Roseane Amorim; MENEZES, Jaileila de Araújo. **Relações étnico-raciais e educação nas comunidades quilombolas**. Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João del Rei, jul-set 2018, pag. 1-17, e2342.

TOUTAIN, Lídia Maria Brandão. Registro Da Memória Social e Institucional no lançamento da pedra fundamental do ICI-UFBA. In: SILVA, RRG, org. **Preservação documental: uma mensagem para o futuro [online]**. Salvador: EDUFBA, 2012, 130 p. ISBN 978-85-232-1221-6. Disponível em <https://books.scielo.org> Acesso em: 09/01/2022

XAVIER, Aline; NEVES, Isabella Verdolin; CAMISASCA, Marina; NEVES, Osias Ribeiro. Livro de Ouro Bom Despacho: 100 anos. Belo Horizonte: Escritório de Histórias, 2012.

Caturra Digital Filmes BH. "A Filha de São Sebastião". Youtube, Set – 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6nHORCY-EEE> Acesso em: maio de 2021.

Página de Bom Despacho: <https://www.bomdespacho.mg.gov.br/historico/>

6. Apêndices:

Transcrição da Entrevista para o TCC com a Secretária de Cultura de Bom Despacho, Maria das Graças.

Primeira Pergunta: Boa noite Graça! Quero te apresentar minhas colegas Gilceia e Marielly. Em primeiro lugar gostaria de te agradecer pela sua colaboração, pelo seu tempo. Muito obrigada! Inicialmente, eu gostaria que você por favor falasse um pouco sobre você.

Graça: Gente, boa noite a todas. Eu que agradeço toda vez que a nossa comunidade é escolhida por um trabalho de reconhecimento, um trabalho de inovação para nossa comunidade. O saber, ele cabe a todos, né? E a importância da nossa história, ela é muito importante e a gente como pessoas que lutam mesmo, né, pela educação, que luta para que a nossa história seja verdadeiramente contada, né. Isso para nós é muito importante! Meu nome é Graça, me chamo Maria das Graças Epifânio da Silva. Sou quilombola do Quilombo Carrapatos da Tabatinga no município de Bom Despacho. Sou liderança. Faço parte da Coordenação Nacional, que é a Panarck. Faço parte da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais. Sou filha de dona Sebastiana. A nossa querida dona Sebastiana que nos deixou há tão pouco tempo. Trabalho na Secretaria de Cultura como coordenadora de igualdade racial. Sou formada em saberes tradicionais na UFMG. Faço parte de diversos Conselhos: Conselho da Saúde, Conselho do Patrimônio, Conselho de Assistência Social. Faço parte de vários conselhos também e sou ativista, né, e liderança aqui da comunidade Carrapatos da Tabatinga.

Segunda pergunta: Graça, você acabou respondendo até a segunda pergunta. A segunda era a sua relação com a comunidade. Isso você já deixou claro agora, né, gente?

Então a **terceira pergunta** seria: Como é a situação legal da Tabatinga, se há certificação de reconhecimento da Tabatinga como comunidade quilombola?

Graça: Sim nós temos nosso autorreconhecimento pela Fundação Palmares desde de 2005. Nós recebemos nosso autorreconhecimento: É a luta nossa maior é que todas as comunidades quilombolas sejam tituladas. A nossa luta ainda é muito grande pelo título, mas nós já temos nosso reconhecimento sim.

Quarta pergunta: A comunidade é assistida por políticas públicas municipais ou estaduais?

Graça: Sim, sim, Municipal e Federal. E as primeiras políticas que foram vindas para nossa comunidade aqui foi Federal e automaticamente a gente foi construindo, né, um levante de lutas e conseguimos trazer também a política do Estado. E agora, mais do que nunca, eu como coordenadora de igualdade racial, tô lutando né para as políticas do município.

Quinta pergunta: Existe alguma política pública que é direcionada para pessoas remanescentes quilombolas?

Graça: É, na verdade as políticas dos Quilombolas são várias e agora eu luto para que sejam implementadas. Por que nós temos leis e políticas, mas a nossa luta é com implemento né. E principalmente a nossa lei tá aí, a lei número 10.639/2003 que é uma política, né, uma política pública afirmativa que nós temos uma dificuldade muito grande de implementar ela tanto no estado, quanto no município e em nível mesmo Federal, né? E até mesmo na universidade tão trazendo agora esse formato de saberes, então assim, nós temos várias leis, como essa que já tá aí, mas a gente precisa de ter uma luta ferrenha para que ela seja implementada, né? É preciso entender a lei para saber para que ela serve. Tem muita gente que fala que é benefício mas não é benefício não. É direito adquirido.

Sexta pergunta: Como que você vê a relação da cidade, ou seja, dos moradores de Bom Despacho, de um modo geral das pessoas que não são da Comunidade, como que é a relação desses moradores com vocês que moram na comunidade? E com a cultura da Tabatinga também. Você sente que, eu sou de Bom Despacho sabe, sai daí há muitos anos mas estou sempre aí, já que minha mãe ainda mora, e assim na minha opinião existe preconceito sim né em relação as pessoas da Comunidade. Mas como que você vê isso?

Graça: Claro que o preconceito existe em todos os lugares não só nós como Comunidade da Tabatinga. Mas tem preconceito, sim. Mas hoje já tá muito mais tranquilo, né, a nossa luta porque o trabalho que a minha mãe fez de luta e de reconhecimento, de empoderamento, de valorização dentro da comunidade nos deixou um legado mais tranquilo para a gente tá perpassando agora. O preconceito existe sim e não só com a comunidade e sim com a população negra. Mas o povo reconhece a Tabatinga com um olhar diferenciado, um olhar de que traz um diferencial para dentro do município, para dentro da cidade de Bom Despacho. Porque a gente tá sempre perpetuando isso, mostrando isso para as pessoas. Que não é só território quilombola. Nós somos reconhecidos aqui pela nossa história, pela nossa cultura, pela nossa luta. Então isso tá

bem claro hoje. Mas assim, a gente tem um trabalho árduo, por isso, que eu falo que a própria comunidade tem que se reconhecer e se auto reconhecer. Isso que é preciso. Então as pessoas culpam e dizem que o negro mesmo tem preconceito. Tem porque as pessoas não sabem o que a gente passa e infelizmente tem pessoas que não contam as suas histórias, não contam as suas belezas. Porque tudo que vinha de nós era muito ruim. Ninguém contava a nossa verdadeira história. E as pessoas da Universidade que vem aqui fazer pesquisa, eu falo, eu respeito o conhecimento, a sabedoria, mas o historiador, ele nunca contou que o nosso povo era rei e rainha, que o nosso povo veio de um continente, que o nosso povo é de luta e que não pediu para vir para cá. Foi trazido sem saber para onde ia ser levado e que nós somos um povo, uma nação muito inteligente e eu vejo isso como lado positivo, senão nós não tínhamos sobrevivido. Com o que foi feito com a gente, era para a gente ter sido exterminado. Então é um povo muito inteligente muito duro, e duro na fé, nas suas raízes. Porque dentro do cérebro ninguém consegue entrar. Eles conseguiram entrar em nossos corpos, conseguiram a violência com a chibata. Mas não conseguiu tirar isso. Fazer com que nós esquecêssemos, eu falo nós, nossos ancestrais, esquecessem toda história, toda a luta que veio dentro do coração e dentro da mente. É onde nós trouxemos a nossa sabedoria, a nossa religião. Então isso nunca foi contado. Tem um relato de pessoas mais velhas do que eu. Eu tinha muita vergonha, porque tudo que falava da Tabatinga era muito ruim.

Maria: Sim, sim, isso é um fato. Mesmo essa coisa do preconceito eu acho que isso realmente mudou, mudou muito aí, porque eu lembro que na minha infância era muito maior né. Eu acho que isso, isso é fruto da luta de vocês mesmo né. Era estigmatizado mesmo é. E hoje em dia eu percebo que mudou bastante porque hoje em dia tem até uma valorização da cultura, um reconhecimento né. É lógico que tem muito chão pela frente ainda né, mas eu percebo que já melhorou nesse sentido. É a próxima pergunta você até começou a falar um pouco sobre ela aí.

Sétima pergunta: Eu queria saber se na Tabatinga a maioria das pessoas, a grande maioria ou é só uma parte, como é que é: A maioria tem o conhecimento da História do bairro como Quilombo mesmo?

Graça: Esse também foi um trabalho muito nosso, da nossa família da minha mãe dona Sebastiana. Porque antes as portas não eram abertas. Então não tinha como a gente manifestar, falar, ter poder de voz. Quer queira quer não, quando o governo deu esse poder de voz e de articulação, aí as coisas foram mudando. Então isso não tem como a

gente não reconhecer. É como minha mãe sempre falava, “ó minha filha, enquanto lá em cima não abrir caminho para a gente manifestar, nossas vozes vão continuar caladas.” Então, a partir do momento que o governo né Lula chegou, ele veio trazendo as minorias, veio trazendo as histórias. É claro que eu não estou aqui para defender partido, né? Mas eu tô para defender um governo que deu uma possibilidade para os pobres começarem a ser ouvidos e se reconhecerem. A partir daí que nós começamos a nossa luta, nossa articulação, se reconhecer, saber o que é quilombo. Não é porque era negro que sabia o que era Quilombo não. Como eu disse, quando foram contar a nossa história, era tudo pejorativo, era tudo ruim. Então até para os próprios pais, mães, era muito difícil ter essa conversa. Mas graças a Deus nós aqui somos uma família muito boa, minha mãe sempre foi muito esclarecida, sempre reconheceu o que ela sempre lutou e foi mostrando para nós os nossos caminhos. Ensinou que a gente nunca, nunca deveria ter vergonha de ser negro. Porque ela sempre mostrou para nós o negro com potencial, força, resistência, e que agora era o momento da gente falar e lutar. Ela nunca mostrou o lado pejorativo para nós. Por isso, nós somos bem assim. O pessoal não gosta muito da palavra empoderada, né? Mas nós aqui em casa somos muito empoderados. Todos nós somos engajados na luta e estamos aí fazendo parte da Coordenação. Porque esses espaços, que são os espaços para gente lutar. Ela sempre passou essa força dela para nós. E eu sou muito feliz e, hora nenhuma, eu tenho vergonha de ser negra. Eu tenho é muita alegria, porque cada dia que passa, cada momento que passa, eu vou sabendo da história, sabendo o que o nosso povo era, sabendo que o nosso povo é, aí meu orgulho transpassa. E é isso que eu passo para todo mundo, passo para as minhas filhas também, que é de geração a geração. Eu passo aonde eu vou conversar também, dar palestras. Eu realmente corro atrás de direitos, né? Então eu sempre falo que eu tenho orgulho de ser negra

Gilceia: Graça eu vou entrar. Maria licença só um minutinho para eu fazer um comentário senão eu acabo esquecendo tá. O Graça eu quero dizer né que eu assisti ao documentário da dona Tiana ne, a filha de São Sebastião, que pena que ela não está aqui para a gente dar os parabéns para ela. É maravilhoso esse filme, a gente acabou assistindo muita coisa, aliás assistindo ao documentário e lendo muita coisa porque é o tema do nosso trabalho. A gente vai falar um pouquinho do quilombo de Tabatinga e aí não tem como falar da História do quilombo e tudo mais. E aí eu queria dar os parabéns pra você, que bom que ela deixou esse legado e vocês estão aí levando essa história para frente para ela não

morrer, e agradecer a sua participação aqui, a sua ajuda, sua colaboração para o nosso trabalho.

É você falou aí do quilombo, eu até anotei aqui, não é uma pergunta é só para você complementar pra gente, as perguntas depois ao final a gente vai fazer porque tem essa relação com o que a gente vai escrever no nosso artigo. Você falou é, das raízes né, da fé e da sabedoria que a dona Tiana passou pra vocês né, toda a história que ela contou e tem ai relatos e vídeos que a gente assistiu muita coisa, então eu gostaria de saber de você:

Oitava pergunta: Como que vocês quando passam essas informações para as pessoas que procuram você, como que as pessoas recebem essas informações? Ai no local onde vocês moram, em Bom Despacho, tem algum espaço físico ou alguma coisa que vocês podem estar apresentando para mostrar essas raízes?

Graça: Sim nós temos nosso Quilombo né. Nós temos nosso território, temos nosso espaço aonde que até nós vamos, se Deus quiser, fazer um memorial de Dona Sebastiana. Mas a gente tem a biblioteca né, ela é toda negra né, toda a exposição, tudo que tem lá, todos os artigos, tudo é da população negra, tudo sobre direito. Então nós temos nossa biblioteca. Temos nosso espaço. Nós agora se Deus quiser vamos ter o memorial de Dona Sebastiana, e nós temos nosso espaço sim pra receber, pra poder dialogar, pra conversar, trocar ideias né, trocar saberes né, por que quando a gente conversa com outro a gente tá aprendendo né. Ou tá aprendendo ou tá ensinando né.

Gilceia: Você tocou no ponto que a gente quer: Ensinar. A gente vai tá falando uma parte do ensinar no nosso trabalho, e se você puder, a Maria vai continuar fazendo as perguntas, é só pra você ir pensando e depois responder pra gente.

Nona pergunta: Esse ensinar, quais são as propostas ai do quilombo pra tá passando esse ensinar para as crianças? Só essa pergunta pra você estar pensando e depois responder pra gente. Pode ser?

Graça: Se eu puder responder agora, pra mim é tranquilo. Essa parte do ensinamento é que nossas portas estejam abertas né, pra gente poder passar toda a nossa história, toda nossa luta que a gente tem aqui, mas mais é fazer o que eu tô fazendo dentro da secretária, nesse espaço de gestão, é igual no municipal que ta sendo implementado, que vai me dar mais forças ainda pra que esses direitos nossos sejam realmente implementados. Então a parte do ensinar é essa: lutar para que as leis não sejam só leis, que elas sejam

implementadas e que elas sejam seguidas e que as pessoas aprendam junto comigo que essa luta não é só minha, essa luta é de todos nós.

Gilceia – Décima pergunta: E vocês buscam né. Graça a Maria passou algumas informações pra gente, só que ficou algumas dúvidas em relação a esse ensinar, essa educação no quilombo. Por que eu li em algum artigo, não lembro, não anotei o nome, que tempos atrás no quilombo funcionava uma creche, tinha eventos na semana da consciência negra e eu gostaria de saber de você se nesse plano que vocês tem, nessas propostas que vocês tem pras políticas municipais se está incluído algo sobre escola, sobre educação, se você puder falar isso pra gente um pouquinho.

Graça: Sim, sim tenho o plano e estou tentando incluir né, porque o plano não é feito sozinho, não pode ser só comigo. Hoje a gente tem o conselho de igualdade racial que a gente tá colocando essas propostas até mesmo pra isso mesmo, para as pessoas contribuir com a sua experiência na educação, na saúde, na assistência social, por que isso tudo engloba todas essas assistências né. Não tem como a gente fazer um plano, fazer ele funcionar se a gente não envolver as pessoas, as pessoas que fazem, que tem importância né nesse plano e pra desenvolver também esse aprendizado. Principalmente capacitações. A gente precisa de muitas capacitações. Não só implementar leis, mas que essas leis sejam supridas de capacitação. Que não tem como as pessoas ensinar se elas não tiver a capacitação voltada, a capacitação diferenciada, voltadas pra essas leis, para termos conhecimento né pra poder saber passar.

Gilceia: Tá Graça. Você falou ai dessa parte da educação, das propostas que vocês tem e que vocês já tem esse plano elaborado né. Nós somos aqui, nos 3 formandas ne, se Deus quiser, em pedagogia, e a gente tá voltando ai pra essa parte da educação, por que é um assunto que a gente vai tá tratando no nosso artigo. E aí a gente tá perguntando um pouquinho como você falou desse plano, dessa proposta que vocês tem pra passar pro município.

Décima primeira pergunta: Você teria como, se for né de passar essas proposta pra gente depois, vocês tem algum documento? Seria possível, ou você não tem como fazer isso? Mesmo que seja o esboço.

Graça: Olha, agora a gente tá num momento de plantar né, então nós estamos no esboço das propostas, mas se Deus quiser assim que a gente é tiver, bater o martelo, tiver implementado, prefeito tiver assinado, eu acredito que a gente pode tá disponibilizando o

plano municipal para vocês, pra vocês verem quais as propostas e é claro que uma das propostas que tem que deixar as pessoas aguçar a mente né. Mas uma das propostas é a de valorizar a educação quilombola. Fazer com que tenha professores quilombolas dentro da comunidade, trabalhando sua história, trabalhando com as próprias crianças. Isso tudo é muito importante, e é necessário. E nós somos de referência, nós não vemos dentro da comunidade uma referência voltada ainda pra esse campo. Então eu quero lutar pra isso. Isso é muito importante. Toda a educação é importante, mais quando ela coloca a educação do campo, a educação quilombola, a educação indígena né. Hoje não temos o indígena dentro de Bom Despacho, mas eu consegui localizar uma família cigana, então tem povos diferenciados, então a gente precisa saber não só onde eles estão, mas escutar as histórias deles dentro do espaço de educação. Então esse aí é um trabalho que a gente precisa fazer em conjunto.

Gilceia: Graça muito obrigada. Acho que você conseguiu responder as minhas perguntas tá. Te agradeço tá.

Graça: Eu é que tenho que agradecer vocês, e que Nossa Senhora ilumine sempre vocês, que vocês tenham um olhar diferenciado pra todos esses povos por que é preciso pra gente construir uma nação com pessoas melhores, vocês são formadores de opinião, e eu sempre falo ou vocês vão formar uma pessoa muito boa ou as vezes vocês vão formar uma pessoa muito frustrada, muito triste, incapaz de achar que pode prosseguir, por que tudo perpassa pela educação. O nosso começo perpassa pela educação. Então se a gente tem uma educação carinhosa, uma educação que tem um olhar diferenciado e uma educação inclusiva a gente faz um povo melhor.

Gilceia: Eu já sou formada em professora, graças a Deus. Eu trabalho com a educação inclusiva, eu gosto muito dessa parte aí de tá respeitando né todos os espaços que a gente tem nas escolas, por que a gente tem um público diferenciado e eu já, graças a Deus, na minha caminhada já vi muita coisa boa, já vi muita luta né da nossa população negra, que é uma luta que a gente vem enfrentando aí. Então hoje você ter um curso superior, você ter uma profissão, quando você consegue é muitas pessoas não acreditam na gente. Já passei por isso e com certeza vou continuar passando né, mas assim eu acho que a gente encontra pessoas, pessoas que acreditam na gente. Que bom que você deu essa oportunidade pra tá nos ajudando a escrever e quem sabe o nosso artigo vai ser um sucesso e tocar muitas pessoas pela frente.

Graça: Eu acredito que ele seja mais um pra poder se juntar aos tantos que nós temos aqui e isso, esses artigos, essa luta né, mesmo pra educação nos ajuda como comunidade a ser reconhecidos. Então eu que agradeço, vocês lembrarem da gente aqui, por que isso só reforça a nossa luta.

Maria – Décima Segunda pergunta: A Gilceia falou da creche e parece que tem também uma escola aí dentro da comunidade né isso? Eu tentei pesquisar isso aí em Bom Despacho, mas por cauda da pandemia não foi possível.

Graça: É ela era uma escola estadual né, depois ela passou municipal né, é o Caic*, que era um projeto do governo federal, onde expandiu vários caic* no estado, em vários municípios, depois ele passou a municipal.

Maria – Décima Terceira pergunta: E fica aí dentro da comunidade mesmo?

Graça: Sim. Dentro do território.

Maria – Décima Quarta pergunta: Sim. Eles não tão funcionando agora né? Por que eu tentei contato com eles mas não obtive resultado.

Graça: As aulas aqui, tem algumas que, a maioria tá remota, e eles estão tentando voltar né, mas assim eu acho que ainda não é um momento muito legal. E os pais ainda tão tímidos de deixar os seus filhos voltarem. Então não tá um funcionamento totalmente é 100%, e não vai ser 100%, nem 50% por enquanto.

Maria – Décima Quinta pergunta: E eles trabalham, você sabe se eles trabalham a cultura africana lá? Como que é essa escola, o currículo dela? Você tem essa informação?

Graça: É pouco trabalhado né. Por isso que a gente precisa da implementação mesmo, por que só novembro. Então novembro que a gente tem pesquisa, novembro que a gente tem procura. Novembro que nós somos negros. Em novembro que nós somos quilombolas. Continua com essa grade, continua com essa forma de educação. Quando a gente fala de implementar, é essa forma que tem que ser diferenciada né.

Gilceia: Graça realmente era isso que a gente queria saber. É assim, pelo menos era a minha dúvida, não sei se das outras meninas, por que eu trabalho numa escola estadual e aí a gente faz alguns projetos durante todo o ano. É uma escola muito boa tá, mas a gente sabe que o currículo de Minas Gerais trabalha a consciência negra só em novembro. Na minha escola a gente faz vários projetos né e a gente trabalha muito bem essas causas,

todas elas, não é só a consciência negra em novembro, esse final de semana mesmo a gente teve um sarau que trouxe algumas escritoras negras, então a gente trabalha dessa forma. Tiro meu chapéu pra essas propostas da escola, mas a gente sabe que muitas escolas de Minas Gerais, elas trazem é, as propostas curriculares falando da consciência negra apenas em novembro.

Graça: É como se estivéssemos até hoje na escravidão.

Gilceia: Isso. É dessa forma. Eu acho que essa colocação aí da Maria viu veio trazer realmente esse esclarecimento pra nós, por que eu acho que essa luta que vocês estão aí tentando né, que o quilombo seja reconhecido, que a cultura aí do quilombo seja reconhecida é ao meu ver, pela sua fala é uma luta que a Dona Tiana começou e que vocês tão dando continuidade

Graça: É, ela não aceitaria, como ela mesmo falava “eu mesma sou culpada de ter colocado minhas filhas nesse fuzuê, nessa luta, nessa bagunça aí, por que minha fia, vai ali, vai aqui”. E aí ela colocou por que ela sabia que um dia ela ia embora né, e quando ela fosse a luta não teria acabado aí. Ela deixou a gente bem forte pra dar continuidade. A nossa luta tá longe de acabar ainda, mas cada um que luta, ai embora e deixa um legado, faz com que essa luta esteja mais perto de acabar.

Maria – Décima Sexta pergunta: Graça você teria alguém aí da comunidade que é bem envolvido nos festejos, pra você indicar, uma pessoa que possa nos falar sobre a festa do Rosário e a festa de São Benedito que seja bastante envolvido nessas duas questões, em relação a organização que pudesse falar com a gente?

Graça: Tem sim, tem dançadores de famílias de ancestrais que começou toda a nossa festa aqui, tem o Luiz Alberto, depois descobrimos que os negros todos eram parentes, mas como foi todos separados, aí depois descobrimos que é parente, esqueci foi o nome agora, desculpa, muito famoso. Depois que minha mãe descobriu que era prima dele, que foi um dos fundadores do espaço aqui, então o Luiz Alberto tem muita história boa para contar e muita gente boa para indicar.

Maria- Décima Sétima pergunta: Se você puder nos passar o contato dele, por favor?

Graça: Não, sim, só vou passar para ele e explicar direitinho para ele, para que na hora que vocês ligarem ele ter um tempinho para vocês conversarem com ele, ele é muito delicado comigo, gosto muito dele.

Maria – Décima oitava pergunta: Gostaria de saber de você depois, se a gente tiver outras dúvidas, se podemos mandar por e-mail, se precisar, se a gente tiver mais alguma dúvida, pode ser?

Graça: Pode sim, estou à disposição, às vezes demora um pouquinho correria danada, então não é porque estou desfazendo, é porque às vezes o meu telefone chega muita mensagem muita coisa envolvida, às vezes eu demoro a responder, mas eu respondo.

Maria: Ótimo, muito obrigada, então da minha parte as perguntas eu já terminei. Acho que a Marielly vai querer também, muito obrigada, tá Graça.

Marielly – Décima Nona pergunta: Eu tenho uma curiosidade: O nome do bairro, porque não Quilombo da Tabatinga e sim, Ana Rosa?

Graça: Ah tá, essa é uma outra luta também, foi trocado há alguns anos atrás e tirou o nome da Tabatinga para botar Ana Rosa e beneficiar e homenagear uma senhora né, então assim, isso é uma outra luta também, que já estou colocando dentro da secretaria, dentro do Conselho de Patrimônio para gente lutar pra voltar, dentro do Conselho de Igualdade Racial, para voltar chamar Tabatinga.

Gilceia – Vigésima pergunta: Essa senhora ela tem envolvimento aí por causa do nome, ela teve uma história aí no quilombo ou não?

Graça: Não ela é mãe de um Granjeiro né. Ele era dono de granja, uma pessoa de renome né, mas não foi assim de luta que fez alguma coisa dentro da área não.

Maria: Um apagamento, isso é um apagamento né tirar o nome assim.

Gilceia – Vigésima Primeira pergunta: Você gostaria de falar mais para a gente, sobre essa mudança do nome do lugar?

Graça: Então, isso eu vejo como já foi falado um pagamento. É apagar nossa história, se tinha um nome, se você não tem nome você não é ninguém, é uma identidade. Assim que nasce tem que ser registrado, senão a gente não é conhecido a gente não existe, então é como se estivesse apagando a nossa história, por isso que a gente tem que lutar muito ainda, porque aqui nós somos resistência, o quilombo já foi conhecendo outras pessoas, sendo povoado e hoje se deixar a nossa referência de quilombola vai sendo apagada então a gente tem que lutar muito para que isso não caia no esquecimento com o tempo, seja apagada, porque o bairro cresceu muito, a população aumentou e aí as coisas nossas vão

sendo apagadas os nossos costumes. Então a nossa luta é muito grande ainda, para que a gente tenha uma resistência de continuidade. Quando a gente não tiver, mas sim, os meus netos tiver, minhas filhas tiver, eles vão continuar lutando, mas que a gente vai ter um território para se movimentar para fazer tudo que precisa ser feito, o centro da minha mãe continuar, as festas de São Benedito, a gente fazer as festas, que tudo é da população negra, todo esse aparato de luta, de resistência, de envolvimento da nossa religião, então, por isso, que eu quero lutar tanto, quando eu falo que o trabalho de vocês vai unir com os outros que tem aqui é para ser também, uma parte de defesa, vai ser um argumento de defesa para a gente pedir também porque é valorizado, as pessoas veem aqui como um espaço diferenciado e precisa de mostrar a história, então como que o próprio município não dá valor nisso, vocês vão me ajudar muito viu e eu vou estar muito feliz de um dia voltar a conversar com vocês e dizer, olha consegui mais uma vitória, voltou a chamar Tabatinga.

Gilceia: A gente precisa saber para o nosso trabalho sobre os costumes que você falou sobre Tabatinga. Eu assisti o documentário, “A filha de São Sebastião”, fiquei encantada, porque nele a sua mãe fala sobre São Sebastião, sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, que ela enfrentou o padre para descer com o santo dela, que era o São Sebastião, a gente sabe que a história dela, desse afeto por São Sebastião.

Gilceia – Vigésima Segunda pergunta: A gente queria saber um pouquinho sobre os costumes e os festejos que pertenciam e que não pertencem mais e os que ainda estão presentes, você poderia falar um pouquinho para a gente, mesmo que não seja assim tão aprofundado? Acredito que mais alguém saiba mais, mas o que você sabe sobre e puder falar vai nos ajudar também.

Graça: Quanto a festa do Rosário, a festa de São Benedito, são as festas tradicionais que engloba toda comunidade, agora a mãe como filha de São Sebastião, como a matriarca, como a mãe de santo, ela era uma mãe de santo, nós temos os nossos costumes, temos o nosso território, o nosso terreiro que ela deixou para gente dar continuidade. Também temos as nossas festas nossos costumes as nossas homenagens aos Orixás, igual na hora que ela falou um pouco lá que ela enfrentou o padre, isso veio do racismo mesmo né, porque ela não era reconhecida, o Moçambique não era reconhecido, sendo que o Moçambique dela era um verdadeiro reinado, sem Moçambique não tem festa, então é onde que as pessoas não conhecem nada da nossa história, querem aprofundar querem entrar, mas não procura saber a origem não procura saber da hierarquia, o Moçambique

verdadeiro está de fora e o povo fazendo a festa. Então era um dos vários preconceitos de luta que ela não desistiu e lutou tanto. Hoje o Moçambique é reconhecido para nós vermos que a nossa história tão abarcada, tão tampada, não sei se as pessoas querem enaltecer mas não conhecem isso também é prioridade nossa também não abriram tanto, não mostraram tanto a nossa história, se é que você quer contar ela você tem que saber. A gente tem também, meu pai Tonho que ficou para dar continuidade, tenha sabedoria dele, tem os guardados dele, também é igual hoje eu falo antes ela não parecia muito, ficava mais resguardada, porque ela era falante, mas hoje a sua sabedoria a sua fala ficou para ele.

Gilceia - Vigésima Terceira pergunta: Você tem algumas fotos, materiais ou objetos que você possa compartilhar com a gente, sobre os festejos, para que possamos acrescentar em nosso trabalho?

Graça: Tenho eu vou separar algumas fotos, elas até já estão separadas lá, eu vou separar umas fotos de quando minha mãe começou com o reinado, o do centro da mãe muito antigo e simplesinho de muita luta, tudo do negro é muito difícil como ela dizia, negro não espanta com qualquer crise não, a gente não saiu dela, toda vez que ela falava isso, em todo lugar, em plenária, em Brasília, por todo lado, ela falava negro não sabe o que é crise não a gente nunca saiu dela, então é isso é a nossa luta permanente.

Gilceia: Esse material pode nos ajudar muito, porque nós vamos falar um pouco desta situação do educar, da Educação, em nosso artigo, como alunas da pedagogia, falaremos dessa parte no trabalho, dos costumes de vocês e dos festejos. A gente precisa desse material em mãos mesmo que escaneado. Se você puder fornecer algumas imagens dos festejos do terreiro e das práticas do terreiro que vocês tinham para a gente estar falando um pouquinho, isso vai nos ajudar bastante.

Graça: Eu vou escolher umas fotos mais antigas bem mais antigas, porque essas outras fotos que a gente tem aqui, a gente tem que ficar perguntando ao pessoal se pode se posso passar, mas eu tenho muitas aqui mais antigas acho até bacana mostrar estas para poder mostrar realmente, como foi a luta como foi a formação do Moçambique dela, como foi o centro dela o levantamento do centro, a abertura do centro dela, a forma de trabalhar a religião dela. O território ajudou muito a comunidade, porque antes a gente não tinha médico, a gente não tinha nada, se a gente não tivesse uma sabedoria divina a gente morreria à míngua, então vou separar e enviar para vocês.

Maria - Vigésima Quarta pergunta: Quanto as terras da Tabatinga as pessoas receberam essa terra?

Graça: Olha na verdade a gente teve um trabalho aqui do professor Ricardo da PUC, com o tema antropológico, com demarcação de todo território, mas como tem a ver com lutas mesmo, nós nunca fomos por este lado não, mas se a gente for para o lado de terras por lutas temos muitas delas.

Gilceia – Vigésima Quinta pergunta: Graça você falou aí, é só uma curiosidade minha, que o que aprendeu com a sua mãe que você passa para suas filhas, que você gostaria de estar passando para as futuras gerações. Como eles recebem estas informações, eles são criticados quando falam ou eles aceitam, eles repassam para as outras pessoas o que vocês passaram para eles?

Graça: Passam, eles já são lideranças também né, as minhas meninas são lideranças e a das minhas irmãs também, porque a gente leva isso para luta no reinado, na hora que estava sendo gerado, eu acompanhava, a barriga foi crescendo, dançando reinado, então já nasceu no reinado e quando nascia eu empurrava carrinho, chegava de madrugada ou pela manhã, levantava mastro, descia mastro. Então a nossa família foi crescendo, os meninos, netos e bisnetos foram crescendo nesse ritmo e dentro da nossa religião também nossos filhos foram também batizados e já nascia sendo benzido, antes de nascer já benzia, então nós nunca tivemos problemas, nossos filhos também não, sempre enfrentamos isso com muita propriedade e as pessoas respeitam, quando eu falo que a gente tem uma força muito grande e trazida mesmo dela, foi isso que ficou para nós, então nossos netos, nossos sobrinhos tem essa força de ir na rua, as pessoas até perguntam, sabe chegar, sabe conversar, não tem medo de chegar, de perguntar porque a gente é muito aberta, a gente é muito clara, então graças a Deus, a nossa família toda, que está aqui, a gente tem uma liberdade de sair e é festa da cidade a gente desfila, a gente mostra que negro, a gente mostra que que é da luta, então, a população de Bom Despacho conhece muito bem a nossa história, o nosso jeito de ser e somos referência na cidade.

Gilceia – Vigésima Sexta pergunta: Vocês têm um grupo de Congado?

Graça: Temos que é o da minha mãe. E ela passou para a família dela cujo nome é Moçambique de São Benedito, hoje com 30 a 35 integrantes mais ou menos. Agora é mais a família: netos e bisnetos, filhas, genros, família mesmo.

Maria – Vigésima Sétima pergunta: Quantos descendentes a dona Tatiana deixou entre descendentes mais diretos como filhos, sobrinhos, netos e bisnetos, vocês são mais ou menos, quantos?

Graça: Filhos dela mesmo 7. Hoje são mais de 20 netos e bisnetos são 12, se não me engano. Inclusive está chegando mais um agora.

Gilceia – Vigésima Oitava pergunta: Sobre os festejos, além dos de sua mãe, quais são os outros?

Graça: Tem os Congos, tem o vilão, tem o Penhacho. Aqui são três Moçambique: São Benedito, do Rosário e Santa Efigênia. Temos o Penhacho, mais ao todo são 22 cortes, a gente fala cortes outros falam congado, mas ao todo são 22 aqui dentro de Bom Despacho envolvidos na festa. E tem o marinheiro de a Nossa Senhora das Mercês, são as quatro bandeiras que são levantadas aqui.

Gilceia – Vigésima Nona pergunta: Em outro momento, seria possível, você falar pra gente como acontece essa festa ou indicar alguém que poderia falar para gente?

Graça: Posso estar falando, mas posso também chamar outras pessoas para não ficar tão repetitivo. Tem mais pessoas para falar também e é importante que falem também as suas experiências, que são necessárias. Posso estar organizando, separar esses contatos e passar para vocês para falar da festa.

Gilceia – Trigésima pergunta: Você poderia falar um pouquinho sobre Moçambique?

Graça: O Moçambique da minha mãe, porque foi ela quem fundou. Então na época que, ela fundou Moçambique, nem poderia, porque eles não aceitavam mulher ser capitã. Antigamente para ser capitão de Moçambique, quem era Capitão, era só homem e a mãe começou a dançar em outro corte aqui em Bom Despacho, mas depois de um exato tempo o capitão falou que ela não poderia mais dançar, isso para ela foi a mesma coisa que dar uma facada, ela gostava muito, ela conhecia toda a história de Moçambique, então foi com o bisavô dela, quando ela era pequena, só quando ela cresceu, ela falou que quando a gente é pequena a gente não dá tanto valor a gente deixa de aprender tanta coisa por causa de se divertir, não estou com tempo e tal, então ela falou que ela poderia ter aprendido muito mais coisas se ela tivesse parado, prestado mais atenção no avô dela, mas mesmo assim, sem prestar tanta atenção ela saiu com tanta coisa boa, com tanta sabedoria, se ela tivesse prestado mais atenção sei lá, eu acho que ela não ia conseguir

fazer tudo que ela fez não, e aí ela foi para Nova Serrana e fundou um corte lá, tinha um corte que estava desestruturado, ela teve força e conseguiu montar, junto com Padre Lauro de Nova Serrana, aí ela foi e registrou o Moçambique dela lá, se não me engano na década de 70, eu vou conferir certinho a data mas eu era muito novinha. Então ela fundou lá em Nova Serrana, ficou muito tempo lá com padre Lauro. Depois as pessoas começaram a questionar, porque que dona Sebastiana ia tanto para Nova Serrana e não dançava aqui, mas ela não era aceita aqui, até mesmo que, aí já colocou que ela ser uma mãe de santo, por ela ter um centro, então as pessoas confundiam as coisas, muito preconceito falava mais, até que o padre Paulo veio para Bom Despacho e aí veio mostrar realmente a história do Reinado e ele trouxe a mãe para dentro da festa do Reinado. Aí as vitórias da mãe foi começando através da vinda do padre Paulo para cá, porque até então, ela dançava ela peitava, mas ela não fazia parte do grupo, da festa, ela saía, dançava, ficava do lado de fora da igreja, comia lá na casa dela, porque na sede, nos lugares não tinha, não aceitava ela. Mas ela foi pegando, ela foi levando, até que Padre Paulo veio para Bom Despacho e com essa vinda para Bom Despacho ele fala uai, porque que aquele corte que ali que tinha que estar aqui dentro tá lá fora, então ali foi começando a mudança e o reconhecimento pela pessoa da minha mãe, mas foi pela persistência dela mesma, se ela fosse desistir na primeira etapa, hoje nós não estaríamos aqui carregando esse legado, dando continuidade no Moçambique dela. Então tudo isso é fé, rezar para Deus, mas mesmo assim teve tanto impedimento, então foi assim que foi formado o Moçambique da minha mãe.

Gilceia – Trigésima Primeira pergunta: E a prática do levantamento do mastro, hoje, como funciona?

Graça: A gente tem uma associação dos Reinadeiros, tem uma diretoria que comanda, que organiza então a gente tem a novena, tem um levantamento do mastro de aviso, depois que levanta o mastro de aviso, tem aquele processo da novena, quando termina a novena, os Moçambiques fazem a coroação de Nossa Senhora, na quinta-feira eles fazem o levantamento dos quatro mastros, mostrando o início a festa né, o mestre se acha isso, levantam os quatros mastros na quinta-feira, aí fazemos o quartos 4 dias de festa e na segunda-feira a gente desce com os mastros, com a missa Conga no domingo e faz na Igreja do Rosário de manhã a gente almoça, depois tem todo o aparato da procissão, a gente faz a procissão e termina aqui na igreja matriz, faz o encerramento do dia, onde a gente recebe também do lado de fora os convidados, mas a festa termina na segunda-feira.

Gilceia: Obrigada Graça. Por mim eu já finalizei, se não vou ficar aqui até amanhã.

Maria: Então tá. Eu acho que a gente já tomou bastante o tempo da graça, né. A gente agradece sua colaboração.

Final da entrevista: Nossos agradecimentos.

Transcrição da entrevista com a Holdry, neta de dona Sebastiana, sobre os festejos no Quilombo de Tabatinga

Maria: Quais datas são festejadas de forma fixa durante o ano?

Holdry: Olha aqui a gente tem na cidade mesmo, aqui em Bom Despacho, tem a festa de São Benedito, ela é festejada aqui na igreja, na nossa comunidade mesmo. Ela acontece em abril, não tem uma data fixa em abril, mas na segunda quinzena de abril mais ou menos. E tem a festa que é a maior, que a de Nossa Senhora do Rosário, ela acontece em agosto, tem a subida de mastro de aviso no último final de semana de julho, depois de 15 dias começa a festa. Aí é na segunda quinzena de agosto. Essas são as fixas que acontecem aqui, em Bom Despacho, em nossa cidade.

Maria: Como surgiram e de onde vieram esses festejos? Você tem essa informação? A origem?

Holdry: A origem, assim, começou lá em Ouro Preto, com um escravo libertado, encontrou muito ouro, libertou vários escravos e começou a fazer a festa. Daí lá de Ouro Preto, já foi se esparramando para todas as outras cidades de Minas.

Maria: Quais são as datas de festejos mais importantes para a comunidade da Tabatinga?

Holdry: Para comunidade é a festa de São Benedito, que acontece em abril.

Maria: Esse festejo é mais religioso? Ele tem dança, música, comida, brincadeira ou algum objeto?

Holdry: É mais religioso é claro, na festa de São Benedito a gente comemora a existência de São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês. A festa acontece durante dois dias, nestes dois dias, um dia é da gente levantar o mastro e visitar as rainhas de bandeiras. Cada bandeira tem uma rainha, cada corte, cada congada é responsável por uma rainha, então a gente faz essa visita para elas, buscar elas em casa

e faz o levantamento da bandeira. No dia do encerramento, a gente faz esse mesmo processo, visitas às Bandeiras, aí as visitas são na hora do almoço e na janta, aí elas servem a refeição para gente e a gente faz essas visitas para elas, desce o mastro e entrega elas em casa.

Maria: Que tipo de comida que é? Comida típica, receitas mais antigas?

Holdry: Não, aí no caso é uma comida mais normal mesmo, como arroz, feijão, macarrão e o tropeiro.

Maria: E tem dança e música?

Holdry: Sim, aí cada Congada tem as suas músicas, tem as suas danças. No nosso caso a gente tem o Moçambique, as nossas músicas, a nossa história toda voltada para a história do negro, para religião de matriz africana, então a gente tem essa pegada outros tem, outros tipos de danças e outros tipos de música.

Maria: E brincadeira tem?

Holdry: Não, brincadeira não.

Maria: Nem tipo de objeto? Vocês usam algum tipo de objeto?

Holdry: A gente usa os nossos instrumentos, aí a gente tem as caixas, a gente tem as pantogonas, tem as gungas, tem os bastões e a nossa vestimenta.

Maria: E como é que é, dentro destas festividades, como que é o papel das crianças e o que elas desempenham nestas festividades?

Holdry: Olha as crianças, elas tem o papel mais espiritual, Porque o poder espiritual delas faz com que a festa aconteça bem, a festa fica mais bonita, então as crianças estão ali para dar força para os mais velhos, elas estão ali fazendo o que elas quiserem, elas estão livres, o papel delas é mais espiritual, porque as crianças têm uma força pura né, elas não tem maldade e tudo que elas querem é o bem, o que falta nos adultos, então as crianças, é o equilíbrio da festa.

Maria: Você acha que esse envolvimento das crianças pode contribuir para a preservação da Cultura?

Holdry: Sim, claro que sim, eu sempre estive dentro da Congada desde pequenininha, minha mãe me carregava no braço, no carrinho e hoje eu carrego meu filho e aí a minha

avó veio falecer recentemente e ela deixou o congado para mim, se eu não estivesse aqui desde criança pode ser que eu não iria herdar isso, então a nossa continuidade se dá por ele, passando de geração para geração.

Maria: Essas festas tem alguma relação com a escola?

Holdry: Não, não tem relação com a escola, quando acontece, aí eles são liberados, não precisa não ir à aula durante a festa. A escola libera eles, essa festa de São Benedito acontece no final de semana, mas a festa do Rosário, ela começa na terça-feira e acaba só na outra segunda, então as crianças são liberadas da escola nesse período.

Maria: E a escola mesmo ela não trabalha essa preservação das raízes não né?

Holdry: A gente tá começando a tentar fazer isso nas escolas, principalmente aqui perto da comunidade, a gente tentando levar isso né, resgatar, a minha avó mesmo sempre quando acontecia reinado, sempre que acontecia a festa, ela ia nas escolas, entrava nas escolas, dançava para as crianças e fazia tudo isso, por quê é uma forma de mostrar que a gente está aqui né, que as coisas acontecem, porque na escola eles querem mostrar a história bem gessada, sem mostrar o contexto que a gente vive hoje.

Maria: Essas festas que acontecem aqui, na comunidade de Tabatinga, elas são incentivadas em outros lugares além daqui, na Tabatinga? Em outros ambientes?

Holdry: Sim, aqui na Tabatinga a gente tem uma riqueza muito grande de cortes, que é os congados que fazem a festa, então aqui a gente tem, se não me engano, tem uns 10 congados na cidade toda, são 22 ou 23, nos últimos anos estão surgindo mais, mas a maioria está aqui dentro da Tabatinga. Então, isso é muito forte aqui, mas em outras comunidades, em outros bairros de Bom Despacho, também tem a presença das festas, mas não acontece no bairro, acontece mesmo só aqui na Tabatinga e lá no Rosário, acontece só nesses dois lugares, mas todo mundo anda na cidade inteira.

Maria: E as outras festas, além dessas, elas acontecem em outros ambientes além da Tabatinga, os outros festejos ou mais aqui mesmo?

Holdry: Sim, a festa de São Benedito acontece aqui, e aí a gente tem a profissão que dá volta aqui no bairro e vai ali em cima e volta. Mas a festa do Rosário ela acontece na Praça da Matriz, na Igreja do Rosário e durante os dias que são, de terça a outra segunda, durante todos os dias, todos os cortes visitam todos os salões de todos os bairros que a gente tem aqui salões de Congado e nesses salões são servidos as refeições, cada festeiro

vai para um salão servir as refeições, então a gente vai em todos esses bairros caminhando, cantando e dançando.

Maria: E as outras festas que acontecem, são mais aqui mesmo? Os outros festejos além da do Rosário, Tá ótimo Holdry, muito obrigada.

Ainda em entrevista com Holdry:

Gilceia: bom dia né, te enchi de mensagem e agora estou aqui novamente né, bom, se caso você puder me responder né, porque nós estamos já escrevendo o artigo, a Maria já entrou em contato com você e a Maria da Graça.

Na **primeira pergunta** eu queria saber um pouquinho né da sua pessoa, o grau de parentesco seu com a dona Sebastiana, para que a gente possa acrescentar no trabalho porque essa informação eu não consegui pegar direito com as meninas.

A **segunda pergunta** seria a seguinte, que você falasse em poucas palavras né, porque a gente já tem um pouco da escrita sobre a festa de São Sebastião e é de Nossa Senhora do Rosário, se elas são realizadas no mesmo dia e qual é o objetivo das duas em poucas palavras, só mesmo para gente acrescentar na sua fala, tá bom?

A **terceira pergunta** é referente a festa do Rosário né, que aconteceu no ano de 2020 que foi em formato de carreata inclusive, nós já temos até algumas fotos né como registro e que você falasse para gente como que foi a organização da festa do Rosário no ano de 2020 para o formato da carreata, se você puder me fala um pouquinho né, a data que ela foi realizada, como foi a organização, como que as pessoas responderam a esse formato? Aí eu te agradeço tá bom, tenha um bom dia.

Holdry: Então **respondendo à primeira pergunta** né, eu me chamo Holdry, eu sou estudante de administração na Universidade Federal de Goiás, a dona Sebastiana era minha avó, ela vinha trabalhando já algum tempo comigo para eu ser capitã, mas assim não era nada específico né, porque a gente sabe que o pessoal de antigamente passava as coisas para gente mas, não passava falando passava fazendo, então eu fui observando ela e ela também foi me observando, viu que eu estava me desenvolvendo e antes da sua morte né, a gente não sabia que estava chegando a hora dela, mas ela falava para todo mundo que eu que iria assumir o bastão ela ia deixar o bastante para a neta dela, assim como o avô dela deixou para ela, então é isso né ela era minha avó e deixou essa missão para mim.

2º: Olha a festa de São Benedito ela acontece mais ou menos em Abril ou Maio, porque abriu né é o mês de São Benedito, só que tem algumas guardas lá da cidade que vai para Aparecida do Norte, então para não conciliar as duas festas, acaba que, às vezes, a festa de São Benedito acontece em maio lá no nosso bairro mesmo, lá na comunidade. E aí quem organiza é a paróquia de São Benedito né, lá da igreja, eles organizam né os dias da festa, como vai ser, mas assim, tem um padrão né a gente tem a missa, a gente tem a levantamento dos mastros de aviso, depois alimentação do mastro. E aí junto com os reis de bandeira, que são aquelas pessoas que dão o almoço, dão a janta, dão um café, a paróquia organiza certinho as datas, organiza certinho tudo. Então o Moçambique mesmo ele não tem tanta participação assim no planejamento da festa, a gente participa da festa, somos né um dos principais Moçambiques das duas festas mas no planejamento mesmo a gente não entra.

3º: A festa do Rosário acontece em agosto, normalmente o mastro de aviso é levantado no último domingo do mês de julho e após 15 dias, começa a festa que dura 6 dias. A festa São Benedito é menos, ela dura 2 dias, é só no sábado e no domingo. A de Nossa Senhora do Rosário é mais longa, ela começa assim, como todos os cortes saindo, já temos visitas, já temos refeições oferecidas pelas rainhas de bandeiras e reis bandeiras. Na quinta-feira de manhã começa levantamento dos mastros, na sexta-feira, tem a visitação, no sábado tem visitação, no domingo é o dia principal né, que a gente tem a nossa profissão, tem a missa Conga na e segunda-feira finaliza a festa, descendo o mastro, então ela dura aí seis dias, porque na terça-feira a gente tem a finalização da novena e na quarta-feira todos os cortes vão visitar alguma coroa em específico. E aí o planejamento né dessa logística tem todo um planejamento de distribuir os 22 cortes entre as sedes das cidades. Esse planejamento é feito pela associação do reinado e aí também a gente não entra, temos as reuniões com o capitão para tratar de coisas e falar como está planejamento, mas nós mesmos, assim questão de data em questão de logística a gente não interfere tanto.

Holdry: este formato agora né de carreata, infelizmente né por causa da pandemia, foi bem aderido sabe a gente tem muitos dançadores, o povo estava com saudade da festa né, porque a festa é muito significativa, não só para nós da comunidade, mas para toda cidade. É um patrimônio né, da cidade mesmo a festa. Então todo mundo queria né viver de alguma maneira então, foi muito bem aderida, todo mundo respeitando, muitos carros, a presença né dos Capitão dos dançadores também que participaram, até mesmo de pessoas que não dançam, dos Reis né, das rainhas de bandeira, pessoas que só acompanham

participaram da carreata, a carreata roda a cidade toda e mais uma vez, o planejamento dessa carreata é feito pela associação do reinado né, a gente não tem tanta interferência quanto o Moçambique nesse planejamento nessa Logística em geral.